



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

BRUNA LOUIZE SOARES DE SOUSA

LOCAIS DE MEMÓRIA:

Turismo Mórbido no Museu da Loucura em Barbacena-MG

**Ouro Preto - Minas Gerais
Dezembro, 2021**

BRUNA LOUIZE SOARES DE SOUSA

LOCAIS DE MEMÓRIA:

Turismo Mórbido no Museu da Loucura em Barbacena-MG

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Kerley dos Santos Alves

Ouro Preto - Minas Gerais
Dezembro, 2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S725l Sousa, Bruna Louize Soares de.
LOCAIS DE MEMÓRIA: [manuscrito]: Turismo Mórbido no Museu da Loucura em Barbacena-MG. / Bruna Louize Soares de Sousa. - 2021.
92 f.: il.: color., mapa. + Quadro.

Orientadora: Profa. Dra. Kerley dos Santos Alves.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Hospitais psiquiátricos - Hospital Colônia. 2. Memória coletiva. 3. Museus - Museu da Loucura - Barbacena (MG). 4. Barbacena (MG). 5. Turismo - Turismo Mórbido. 6. Turismo - Atrocidades. I. Alves, Kerley dos Santos. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Bruna Louize Soares de Sousa

Locais de memória: Turismo mórbido no Museu da Loucura em Barbacena, Minas Gerais

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Aprovada em 15 de Dezembro de 2021

Membros da banca

[Doutora] - Kerley dos Santos Alves - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
[Doutora] – Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta - Universidade Federal de Ouro Preto
[Doutor] – Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp- Universidade Federal de Ouro Preto

[Kerley dos Santos Alves], orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/02/2022



Documento assinado eletronicamente por **Kerley dos Santos Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/01/2022, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0271800** e o código CRC **BB140BCE**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.000919/2022-12

SEI nº 0271800

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: 3135591447 - www.ufop.br

Dedico este trabalho a minha família, que é
meu alicerce do início ao fim e a
todos que acreditam em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre me guiar e estar comigo nos momentos mais desafiadores e difíceis. Agradeço imensamente aos meus pais, Elissandra de Fátima Soares de Moura e Davi Ferreira, por serem meu alicerce do início ao fim, por nunca soltarem minha mão e por serem tão compreensivos e me apoiarem. Agradeço também ao meu irmão Davi Ferreira Filho, fonte de inspiração e amor em todos os momentos. Sem vocês nada disso faria sentido.

Agradeço aos meus avós, Joana Darc de Moura e José Luiz de Moura, por me ensinarem desde criança a correr atrás dos meus objetivos e por sempre acreditarem no meu potencial. Agradeço a toda minha família, por sempre se fazerem presentes de alguma forma mesmo a distância.

Agradeço ao ensino público e de qualidade oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto, especialmente ao Departamento de Turismo e todos os professores e professoras que me acompanharam ao longo dessa jornada de quatro anos.

Agradeço a Completur Jr., por me acolher ainda caloura e me ensinar tantas coisas que eu nem imaginava existir! Agradeço também ao Centro Acadêmico de Turismo (CATUR) por todo aprendizado e por mostrar que a força estudantil é necessária e primordial atualmente. Agradeço ao Encontro Nacional dos Estudantes de Turismo (ENATUR), que foi a realização de um sonho e levarei sempre comigo, como experiência única e decisiva como futura Turismóloga!

Agradeço a Pró-reitoria de Extensão e Cultura, em especial a Gabriela de Lima Gomes, Raquel Leite, Hugo Guarilha e Lâne Mabel, por todo aprendizado e sensibilidade. Vocês me mostraram como uma equipe pode ser séria e leve ao mesmo tempo. Foi um prazer compartilhar meu último ano ao lado de vocês, mesmo que virtualmente.

Agradeço à Prof. Dra. Maria do Carmo por confiar em mim, o meu primeiro projeto de extensão, foi gratificante te-la como orientadora ao longo de 2019. Agradeço ao Prof. Dr. Ricardo Eustáquio Fonseca Filho por também confiar em mim, a minha primeira iniciação científica em 2020. Vocês sempre foram muito pacientes e incríveis comigo, sem dúvidas, me marcaram positivamente.

Agradeço à minha orientadora, Prof. Dra. Kerley dos Santos Alves, que me acompanhou desde o 1.º período e fez com que eu me apaixonasse ainda mais pela profissão, você sempre com brilho nos olhos e uma sensibilidade imensa, não poderia ter escolhido alguém melhor. Sempre foi você! Agradeço também a minha banca, Prof. Dra. Carolina Lescura de Carvalho Castro Volta

e Prof. Dr. Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp, que sempre foram tão solícitos e maravilhosos! Todos vocês agregam diariamente na minha formação, e são inspiração da profissional que eu quero ser.

Agradeço aos meus amigos e amigas de longa data, por acreditarem em mim e por desde o início apoiarem minha decisão de mudança e ainda sim, com a distância, se fizerem presentes.

Aos amigos que fiz ao longo dessa jornada, meu muito obrigada por cada momento, por me ensinarem tanto sobre a vida e por sempre estarem comigo nos momentos bons e ruins. Vou levá-los para minha vida! O TURISMO UFOP é inexplicável!

Obrigada Ouro Preto, por me proporcionar os quatro anos mais intensos e desafiadores da minha vida, uma parte de mim, fica aqui e a outra parte vai fazer jus em relação a tudo o que aprendi ao longo dessa experiência única e muito bem vivida.

**Discurso para todos os homens,
exceto os loucos**

Quando o homem teve consciência de que dominava a agricultura,
ele condenou o infanticídio, exceto o assassinato da criança louca.

Quando o homem teve consciência de que era capaz de civilizar-se,
ele condenou o homicídio, exceto do adulto louco.

Quando o homem teve consciência de que fazia parte do gênero humano,
ele inventou a solidariedade, exceto para com o homem louco.

Quando o homem propôs indulgência para quem beijasse uma ferida,
ele inventou o hospital, exceto o asilo de loucos.

Quando o homem levou milhares de anos para ter consciência de sua razão,
ele ousou declarar universais de direitos de qualquer homem, exceto o dos loucos.

Quando o homem teve consciência de que os agrupamentos humanos dispunham
cada vez mais de conforto e lazer, maior foi sua necessidade de se livrar da presença e
até da lembrança dos loucos - daí que segregação dos loucos é intrínseca e
não contraditória a modernização da sociedade.

José Amilcar Salgado

SOUSA, Bruna Louize Soares de. **LOCAIS DE MEMÓRIA: Turismo Mórbido no Museu da Loucura em Barbacena-MG**. 2021. 91 fls. Monografia - Curso de Bacharelado em Turismo da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.

RESUMO

O Turismo Mórbido advém do Turismo Cultural, por isso, a morbidez atrai públicos que buscam locais de tragédia por diferentes motivações, no entanto, existem tragédias pouco conhecidas em território nacional, como é o caso desse objeto de estudo. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar a relação Hospital Colônia de Barbacena e Museu da Loucura como produto turístico, com enfoque nas memórias, registros e roteiro efetivado com os visitantes. A pesquisa de caráter descritivo qualitativo utilizou como metodologia a aplicação de entrevistas semiestruturadas aos representantes sociais ligados direta ou indiretamente ao Museu da Loucura. Com esta pesquisa foi possível identificar de que maneira o reconhecimento do local mórbido, no caso, trabalha em sua turistificação. E os resultados obtidos permeiam o campo da maior valorização do acervo exposto no Museu, bem como uma maior divulgação nas mídias sociais e a maneira como o pertencimento dos barbacenenses se deu ao longo dos anos em relação à loucura. Portanto, o turismo contribui para que essas experiências sejam vividas, refletidas e questionadas, além de entender os erros do passado e ressignificá-los.

Palavras-chave: Turismo Mórbido; Hospital Colônia; Local de memória; Museu da Loucura; Barbacena-MG.

ABSTRACT

Morbid Tourism comes from Cultural Tourism, therefore, morbidity attracts audiences who seek places of tragedy for different reasons, however, there are little-known tragedies in the national territory, as is the case of this object of study. Therefore, this study aims to analyze the relationship between Hospital Colônia de Barbacena and Museu da Loucura as a tourist product, focusing on memories, records and itinerary made with the visitors. The qualitative descriptive research used as a methodology the application of semi-structured interviews to social representatives directly or indirectly linked to the Museu da Loucura. With this research it was possible to identify how the recognition of the morbid place, in this case, works in its touristification. And the results obtained permeate the field of greater appreciation of the collection exhibited at the Museum, as well as greater dissemination in social media and the way in which the people of barbacenense belonged over the years in relation to madness. Therefore, tourism contributes to these experiences being lived, reflected and questioned, in addition to understanding past mistakes and giving new meaning to them.

Keywords: Morbid Tourism; Hospital Colônia; Memory location; Museu da Loucura; Barbacena-MG.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Categorização do dark tourism, por Stone (2006)	20
Figura 2: Demonstrativo dos Atrativos Turísticos Mórbidos no Brasil	24
Figura 3: Cidade de Barbacena-MG.	28
Figura 4: Dados Econômicos do Município de Barbacena, Minas Gerais - Brasil	30
Figura 5: Busca do google através da palavra “barbacena”	32
Figura 6: Primeira pergunta mais frequente feita por usuários do google	32
Figura 7: Terceira pergunta mais frequente feita por usuários do google	33
Figura 8: Quarta pergunta mais frequente feita por usuários do google	33
Figura 9: Quarta pergunta mais frequente feita por usuários do google	39
Figura 10: Placa indicativa a respeito do Museu da Loucura, na BR-040	42
Figura 11: Vista do lado de fora do Museu da Loucura	42
Figura 12: Placa indicativa do Museu da Loucura	42
Figura 13: Recepção do Museu da Loucura	43
Figura 14: Primeira placa de exposição na entrada do Museu da Loucura	43
Figura 15: Corredor na entrada do Museu da Loucura	43
Figura 16: Placas no Museu da Loucura	44
Figura 17: Livro de Visitantes do Museu da Loucura, desde 2020	44
Figura 18: Livro de visitantes aberto	44
Figura 19: A cidade dos doidos	45
Figura 20: Primeira sala de exposição	45
Figura 21: Telefone utilizado no Sanatório	45
Figura 22: Um dos objetos utilizados por Joaquim Dutra	45
Figura 23: Uniforme dos pacientes do Colônia	46
Figura 24: Objetos dos pacientes, produzidos por eles	46
Figura 25: Boneco com algemas nos pulsos	46
Figura 26: Vitrine com os objetos dos pacientes	46

Figura 27: Utensílios de cozinha do Colônia	47
Figura 28: Equipamentos de tratamento com eletrochoque	47
Figura 29: Tela com dizeres e imagens	47
Figura 30: Comércio da Morte	48
Figura 31: Dizeres sobre a venda de corpos e uma máquina de escrever	48
Figura 32: Moedas achadas no cofre do Colônia	48
Figura 33: Corredor do Museu da Loucura	49
Figura 34: Azulejos do Sanatório e Vidraças do Hospital Colônia de Barbacena	49
Figura 35: Imagens do Sanatório e da localidade onde hoje o Museu está instalado	49
Figura 36: Escadaria para o segundo andar do Museu da Loucura	50
Figura 37: Ao final da escada, uma imagem e uma grade	50
Figura 38: Mesma imagem anterior, mas de outro ângulo	50
Figura 39: Formas de aprisionamento	51
Figura 40: Lobotomia	51
Figura 41: Maquete do Museu, lado de fora	51
Figura 42: Jornais e literaturas sobre o Colônia	52
Figura 43: Luta Antimanicomial	52
Figura 44: Jornais da época	52
Figura 45: Inserção dos ex-pacientes na sociedade	53
Figura 46: Cores, esperança e vida nova	53
Figura 47: Sala de Lobotomia	53
Figura 48: Instrumentos Lobotomia	53
Figura 49: Última sala de exposição do Museu da Loucura	54
Figura 50: Auditório do Museu da Loucura	55
Figura 51: Artesanatos à venda no Museu da Loucura	55
Figura 52: Um dos quadros expostos no Auditório do Museu da Loucura	55
Figura 53: Pesquisa no Google por “Holocausto Brasileiro”	59
Figura 54: Imagem aérea do local onde está localizado o Museu da Loucura	60

Figura 55: Portão de entrada para o Cemitério	62
Figura 56: Placa que indica futura instalação do Memorial de Rosas	62
Figura 57: Lado direito do Cemitério	62
Figura 58: Lado esquerdo do Cemitério	62
Figura 59: Prédio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo	63
Figura 60: Estação de Trem de Barbacena-MG	63
Figura 61: Linha do Trem, hoje desativada	63
Figura 62: Pacientes do Hospital Colônia em 1961	69
Figura 63: Pacientes crianças no Hospital Colônia em 1961	69
Figura 64: Série Original Globoplay “Colônia”	75
Figura 65: Documentário “Dos Loucos e das Rosas” no Youtube	76
Figura 66: Documentário “Holocausto Brasileiro” no Youtube	76
Figura 67: Documentário “Cidade Dos Loucos: O Mapa Dos Esquecidos” no Youtube	77
Figura 68: Livro “A noite mais escura: o hospício de Barbacena, uma Auschwitz no coração do Brasil”	77
Figura 69: Livro “Nos Porões da Loucura”	78
Figura 70: Livro “Holocausto Brasileiro: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil”	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: As diferentes terminologias do Dark Tourism	19
Quadro 2: Participantes e não-participantes da pesquisa	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HCB	Hospital Colônia de Barbacena
OMT	Organização Mundial de Turismo
BBC	British Broadcasting Corporation
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CEAGESP	Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo
CEASA	Centro Estadual de Abastecimento
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
CHPB	Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena
FHEMIG	Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais
FUNDAC	Fundação Municipal de Cultura de Barbacena
G1	Portal de Notícias da Globo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. TURISMO CULTURAL: O MÓRBIDO COMO SEGMENTO TURÍSTICO	17
1.1 Os diversos conceitos de Turismo Mórbido	17
1.2 Turismo Mórbido ao redor do mundo e no Brasil	22
1.3 Surgimento dos locais de memória: A turistificação do sofrimento	25
2. BARBACENA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SEGMENTAÇÃO DO TURISMO	28
2.1 Cidade das Rosas e Cidade dos Loucos	28
2.2 Um campo de concentração no Brasil	34
2.3 Museu da Loucura como local de memória dos esquecidos	40
3. ASPECTOS MÓRBIDOS DA VISITAÇÃO NO MUSEU DA LOUCURA	57
3.1 A memória do Hospital Colônia no Museu da Loucura	58
3.2 Percepção da gestão pública e das representações sociais acerca do turismo no Museu da Loucura	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	84
SITES CONSULTADOS	86
APÊNDICES	88
ANEXOS	90

INTRODUÇÃO

Existem diferentes motivações para influenciar uma pessoa a viajar, dentre elas estão os diversos tipos de segmentos turísticos, que envolvem curiosidade, motivação e vontade de realizar aquele desejo. Portanto, o presente trabalho possui o intuito de compreender o segmento do Turismo Cultural, mas especificamente, uma de suas vertentes, o Turismo Mórbido.

O estudo de caso envolve a cidade de Barbacena, localizada no Estado de Minas Gerais, onde foi realizada a pesquisa. A cidade conta com aproximadamente 138.204 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no censo demográfico de 2020.

Dessa maneira, esse estudo teve origem na necessidade de compreender como a memória do antigo Hospital Colônia de Barbacena (HCB) pode ser valorizada pelo turismo, através do Museu da Loucura, tendo em vista que o acontecimento no hospital psiquiátrico deixou uma marca evidente não só na cidade mas também pelo Brasil.

Antes da realização dessa pesquisa, algumas inquietações surgiram, norteando questionamentos. O que motiva uma pessoa a visitar um museu da loucura? Como essa memória pode ser utilizada pelo turismo? De que forma Barbacena é representada nas mídias sociais? Como o profissional de turismo pode atuar diretamente no segmento mórbido, tornando esses espaços de memória mais reconhecidos?

Além disso, a área dessa pesquisa já era algo interessante para a pesquisadora, considerando a Segunda Guerra Mundial, os trágicos acontecimentos com os judeus e os campos de concentração.

Para Krippendorf (2003) “o ser humano não nasceu turista, mas sua curiosidade e a necessidade de mobilidade o fez um viajante, buscando em um primeiro momento desbravar, descobrir, aprender..”, sendo assim, qual a relação entre a busca por esses atrativos e a motivação que o leva até esse local? O deslocamento do turista em busca de um atrativo mórbido pode significar diferentes percepções, dificultando assim, o estabelecimento de parâmetros que definem um perfil adequado a esse recente segmento?

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo geral “Analisar a relação Hospital Colônia de Barbacena e Museu da Loucura como produto turístico, com enfoque nas memórias, registros e roteiro efetivado com os visitantes”. E os objetivos específicos são: Reconhecer as relações dos locais mórbidos e sua turistificação; Identificar como a cidade de Barbacena e o Museu da

Loucura são propagados nas mídias sociais: Relacionando Turismo cultural sob o enfoque do mórbido como segmento turístico; Observar a cidade de Barbacena como cenário da loucura e cenário turístico; Investigar de que forma a gestão pública, privada e as representações sociais auxiliam no turismo no Museu da Loucura.

As pesquisas da área de ciências sociais permitem um direcionamento mais amplo com possibilidades de analisar vários elementos sem seu esgotamento, facilitando a busca pela problemática e delimitando a definição dos objetivos acerca da temática escolhida.

O método científico então, é essencial para que o pesquisador tenha um caminho a seguir, determinando seus procedimentos para atingir o que deseja, de acordo com a definição de Lakatos e Marconi (2003, p. 82) “é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”.

Portanto, a metodologia aplicada foi de cunho descritivo qualitativo, realizando o levantamento bibliográfico, trabalho de campo e entrevistas semiestruturadas individuais. Os principais instrumentos utilizados para a realização do estudo foram as plataformas Scielo¹, Google Academy², Scientific Periodicals Electronic Library³ e para as entrevistas, a plataforma Google Meet⁴. A metodologia será apresentada de forma detalhada no último capítulo deste trabalho.

Exclusivamente sobre a estrutura do trabalho, o primeiro capítulo busca compreender como se deu o surgimento do Turismo Mórbido ao redor do mundo e suas diferentes terminologias e significados. Além disso, o primeiro capítulo trata também de como essa prática enquadra-se nos locais de memória e por fim, sua turistificação.

No segundo capítulo, é possível entender de que forma a cidade de Barbacena, localizada no Estado de Minas Gerais, é reconhecida através das mídias sociais e dos arquivos consultados, seja por Cidade das Rosas ou por Cidade dos Loucos. Conseqüentemente, é abordado a criação do HCB e sua designação naquela época, levando a acontecimentos trágicos dentro de seus pavilhões. Portanto, o capítulo é finalizado trazendo a proposta de criação do Museu da Loucura como local de memória e homenagem ao que ocorreu naquele espaço anteriormente.

¹ Disponível em: <https://www.scielo.org/>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

² Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?q=>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

³ Disponível em: <http://www.spell.org.br/>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

⁴ Disponível em: <https://meet.google.com/>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

Para finalizar, o terceiro capítulo discute acerca da metodologia utilizada ao longo de toda a pesquisa e seus aspectos mórbidos, apresentando os procedimentos metodológicos, o trabalho de campo e a análise dos resultados obtidos através das entrevistas aplicadas aos representantes sociais ligados direta ou indiretamente ao Museu da Loucura.

1. TURISMO CULTURAL: O MÓRBIDO COMO SEGMENTO TURÍSTICO

No presente capítulo foi abordado o conceito geral de turismo e uma de suas vertentes, o turismo cultural. Dentro desse contexto indagaram-se as diversas conceituações acerca do turismo mórbido, priorizando a escrita sobre o surgimento dos locais de memória e seu significado na turistificação de espaços de sofrimento, bem como o crescimento dessa segmentação ao redor do mundo e em território nacional, chegando até a cidade onde se encontra o objeto de estudo dessa pesquisa.

1.1 Os diversos conceitos de Turismo Mórbido

O surgimento do Turismo no mundo conforme destaca Ignarra (1999, p.3) “Em termos históricos, o turismo teve início quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar, principalmente motivado pela necessidade de comércio com outros povos”. Dessa forma, é possível entender como o surgimento desse fenômeno impacta a aparição de outros segmentos, que posteriormente teriam ligação direta com o turismo, como o lazer, por exemplo. Além disso, com o passar dos anos, o crescimento e conhecimento dessa nova prática possibilitou as grandes festas na Idade Média, o capitalismo comercial na Idade Moderna e a tecnologia no século XXI, como apontado pelos autores Silva e Kemp (2008) no artigo “A Evolução Histórica do Turismo: da Antiguidade Clássica a Revolução Industrial - Século XVIII”.

No entanto, segundo Panosso (2010, p.4) “essas imagens e definições são algumas das múltiplas facetas que o turismo assume na sociedade, mas dependendo do contexto, são limitadas”, considerando a abordagem desse fenômeno apenas para o lado comercial ou econômico, que vai muito além de ser uma fonte de renda, mas sim, gerando oportunidades e também adversidades para a localidade que o possui, dependendo da demanda e fluxo de turistas, entre outras contrariedades.

Portanto, analisando a vasta exposição do significado de turismo na literatura, pode-se definir a partir da Organização Mundial de Turismo (OMT) (2001, p. 38) que “turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras.” Portanto, foram criados diferentes segmentos para o turismo, a depender do local, categoria de Richards (1997, p. 24), é “toda movimentação de pessoas em

torno de atrações culturais específicas, tais como sítios históricos e manifestações artísticas e culturais, fora de seu lugar próprio de residência”.

Por se tratar de um segmento multidisciplinar, o turismo cultural também possui diferentes vertentes e uma delas é o turismo mórbido, que segundo Gonçalves (2017, p. 05), “classifica-se pela procura de locais onde outrora ocorreram catástrofes, sofrimento e morte, de modo a satisfazer a curiosidade de quem sobreviveu”. Além disso, o turismo mórbido contempla casas de *serial killers*, presídios inativos e demais locais que se encaixem nesse contexto. Para Foley e Lennon (2000) *apud* Monteiro 2010, não é considerado turismo macabro se as visitas aos locais de horror forem realizadas por parentes e/ou amigos das vítimas, como descrevem a seguir,

Existem especificidades no emprego do termo, ou seja, não é considerado turismo macabro se as visitas aos locais de horror forem realizadas por parentes e/ou amigos das vítimas. Em contrapartida, pessoas que se deslocam sem vínculo com as vítimas de forma casual, com o propósito de desvendar o lado sombrio apropriam-se desse conceito. (2010, p. 4-5)

Seu surgimento teve início como uma inovação no campo cultural, ainda de acordo com Gonçalves 2017 *apud* Richards (2011, p. 51) “A diferença fulcral entre o turismo cultural convencional e o turismo de experiências é que o turista não visita apenas o lugar, ele troca conhecimento e experiência com o destino.” Dessa forma, foi necessário explorar o setor verificando quais as possibilidades de inovação e o que os turistas buscavam quando escolhiam seus destinos turísticos.

No presente trabalho a terminologia utilizada será Turismo Mórbido, visto que, vai ao encontro do objeto de estudo proposto, além disso, é válido evidenciar que apesar de autores como Lennon e Foley (2000), Tarlow (2005), Stone (2006) e Silva (2018) terem criado terminologias distintas para esse fenômeno turístico, há ainda poucas referências na área.

Em uma dessas descobertas, o termo “*dark tourism*” potencializou-se com o que hoje também é reconhecido pelas seguintes nomenclaturas: Turismo Mórbido, Turismo Sombrio, Turismo Macabro, Turismo Negro e em alguns casos, Tanaturismo. Além dos nomes distintos, seus significados também podem diferir, dessa forma, para explicitar melhor esses termos, evidencia-se o quadro 1:

Quadro 1: As diferentes terminologias do *Dark Tourism*

Nomenclatura	Significado
<i>Dark Tourism</i> ou Turismo Macabro	Stone (2006, p.146) define o <i>dark tourism</i> como “o ato de viajar para locais associados à morte, ao sofrimento e ao aparentemente macabro”. Tarlow (2005, p.48) acrescenta na definição “visitas a lugares onde ocorreram tragédias ou mortes historicamente dignas de notoriedade, que continuam a impactar nossas vidas.”
Turismo Mórbido ou Turismo Sombrio	Silva (2018, p.390) define-se como uma busca pelos turistas por locais e ambientes que possuem marcas evidenciadas e concretas de tragédias, genocídios, catástrofes e perdas.
Turismo Negro	Lennon e Foley (2000) definiram como um “subconjunto da cultura turismo e como algo distinto do turismo patrimonial, envolvendo incidentes de morte, desastre e atrocidade que ocorreram dentro da memória viva.”
Tanaturismo	Segundo Seaton (1996, apud Tavares, 2015, p. 198), tem como objetivo estabelecer uma ligação com a morte, visando contemplá-la, nem sempre de maneira violenta.

Fonte: Foley e Lennon (2000), Stone (2006), Tarlow (2005), Tavares (2015) e Silva (2018).

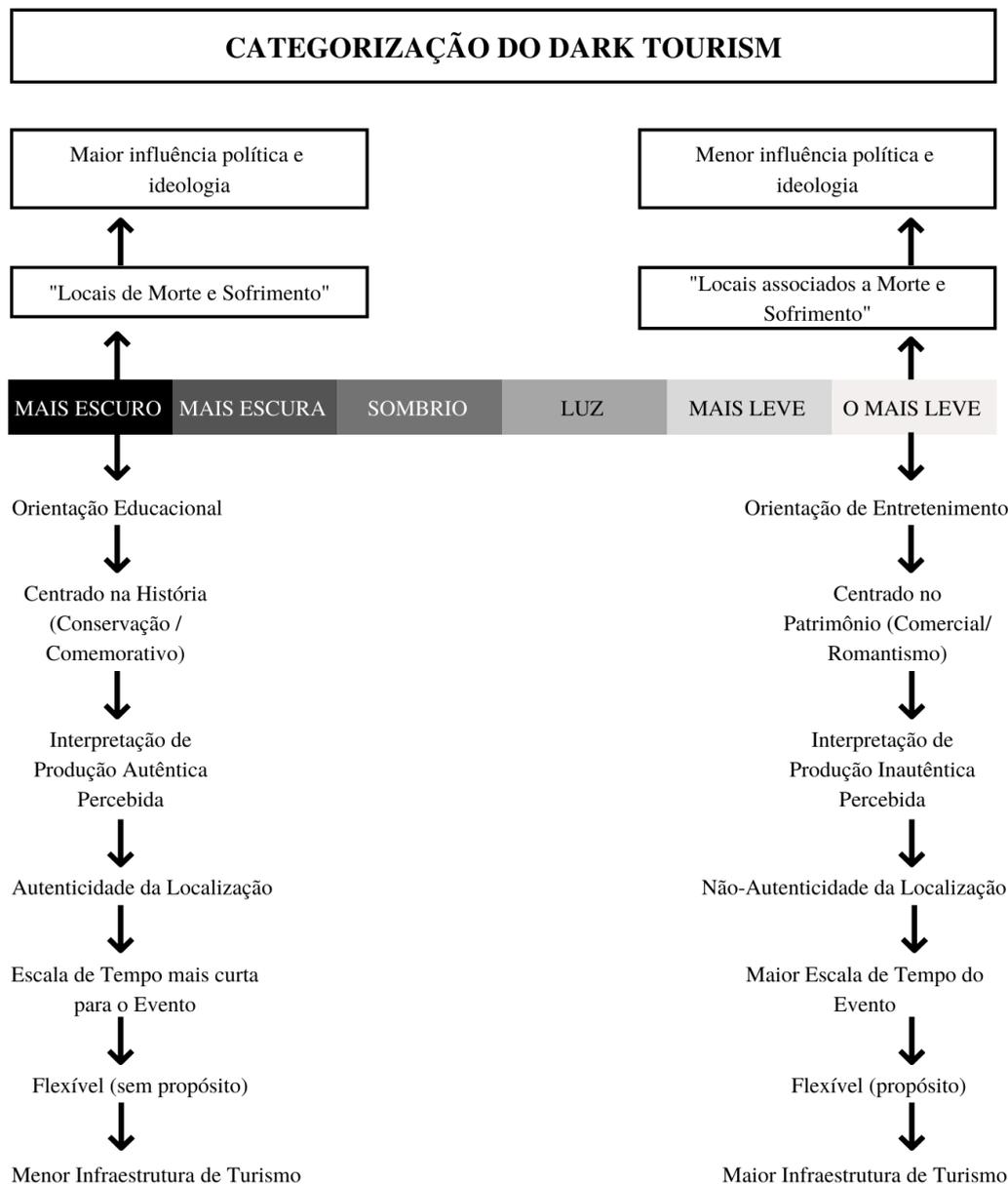
Light (2017) afirma que com o passar dos anos, o conhecimento que se tinha do Turismo Mórbido era através do turismo patrimonial, mas isso mudou a partir dos anos de 1990, com o questionamento dele e demais estudiosos sobre os espaços de sofrimento, que no futuro seriam reconhecidos como locais de memória. Light (2017, p. 04) ainda relata que “O turismo negro e o tanaturismo foram propostos pela primeira vez a um público acadêmico em 1996 em uma edição temática do *International Journal of Heritage Studies*⁵.”

Contudo, ainda de acordo com Light (2017) apesar dos poucos estudos na área, ainda sim, era comum uma certa confusão na definição dos termos turismo negro e tanaturismo, por isso, independente de como fosse chamado posteriormente “Essas diferenças não são insignificantes, embora muitos pesquisadores posteriormente tendessem a tratar o turismo negro e o tanaturismo como a mesma coisa” (LIGHT, 2017, p. 4).

Dessa forma, Stone (2006) propôs uma figura categorizando o segmento, para que as dúvidas acerca do que cada eixo comportaria, fossem enfim sanadas ou no mínimo estudadas futuramente.

⁵ Jornal internacional que publica pesquisas interdisciplinares sobre patrimônio, abrangendo museus, turismo, estudos culturais, antropologia e estudos de memória. Fonte: <https://www.tandfonline.com/toc/rjhs20/current>.

Figura 1: Categorização do *dark tourism*, por Stone (2006)



Fonte: Adaptado e traduzido do autor Stone (2006, p.151). Traduzido pela autora.

Nesta adaptação, é possível ver campos gradativamente mais escuros e outros campos gradativamente mais claros, Stone (2006) afirma que nessa categorização, os locais que se encaixam nos campos mais escuros geralmente criam uma conexão maior com o turista e o produto final (o ocorrido no local, as pessoas que foram mortas e o *design* desse espaço), um exemplo disso é o memorial do Holocausto, localizado no campo de concentração de

Auschwitz-Birkenau, na Alemanha. Já os campos mais claros geralmente não criam uma ligação com o turista, conseqüentemente a comoção é menor, assim como a visitação nestes espaços.

Stone (2006) destaca que a empatia gerada em relação a tragédias mais recentes têm um grau maior do que tragédias que possam ter ocorrido em um tempo muito distante, isso porque atualmente, na era tecnológica, é comum que os turistas busquem conhecer o que é mais divulgado nas mídias sociais, também procuram conhecer locais que pessoas próximas já foram e recomendam, entre outros critérios pessoais e coletivos. Sharpley (2005) afirma que, “dependendo do grau de interesse e fascínio pela morte por parte do turista enquanto uma atração ou exposição desenvolvido de modo a explorar esse interesse ou fascinação, diferentes locais e/ou experiências podem ser gradativamente mais claros ou mais escuros.

No que lhe concerne, Stone (2006) criou a partir desse quadro de categorização, sete categorias que desenvolvem os elementos que cada espaço “dark” teria que possuir para se enquadrar, resumidamente chamado “*Seven Dark Suppliers*”, em português conhecido como “Sete Fornecedores Escuros”. As categorias desenvolvidas contemplam:

- a) *Dark Fun Factories*: consideram-se os locais com alta infraestrutura visando o entretenimento e que se apresenta a morte e eventos macabros com objetivo comercial.
- b) *Dark Exhibitions*: consideram-se as exposições com uma característica comemorativa, educacional e/ou para transmitir uma mensagem motivacional e reflexiva, ficam geralmente localizados longe do local exato do acontecimento.
- c) *Dark Dungeons*: considera-se locais aplicados códigos penais, sentenças de prisões e tribunais, são espaços que não foram projetados para a prática do turismo, com fins educacionais.
- d) *Dark Resting Places*: consideram-se os locais de despedidas, como os cemitérios e túmulos. São locais onde é possível estudar a arquitetura e os estilos presentes na paisagem.
- e) *Dark Shrines*: considera-se locais de memorial, de respeito pelos recém-falecidos.
- f) *Dark Conflict Sites*: considera-se locais centrados na história e relacionados à guerra e campos de batalha, tem essencialmente um papel educacional e comemorativo.
- g) *Dark Camps of Genocide*: considera-se locais de genocídio, atrocidade e catástrofe.

Evidencia-se, portanto, como o Turismo Mórbido funciona nessas diferentes facetas e como o mesmo teve seu surgimento marcado pelos estudos de diversos autores, para tornar esse

tema mais amplo e de bom entendimento para quem estudava mas também para as pessoas que buscam essa categoria de prática turística.

Desse modo, seguindo as abordagens mencionadas e buscando entender como esse fenômeno se categoriza ao redor do mundo, foram estudados daqui por diante o surgimento dos locais mórbidos, que se tornaram turísticos na atualidade.

1.2 Turismo Mórbido ao redor do mundo e no Brasil

Os locais mórbidos chamam a atenção por se tratarem de espaços que contam histórias que muitas vezes não são propagadas originalmente ou até mesmo não são divulgadas com certa exatidão, o que causa uma curiosidade por parte dos turistas em buscar desse tipo de conhecimento tão diferente por si só. Atualmente, o crescimento em busca por esse tipo de segmento turístico vêm ganhando notoriedade, como pontua Trzaskos,

[...]os números já vêm sendo observados há alguns anos, chamando a atenção e promovendo o reconhecimento do índice que gradativamente aumenta, originando a promoção dos atrativos, por meio de mídias, além da produção e comercialização de souvenirs e cartões postais referentes aos locais. (2013, p. 23)

A busca pelo entretenimento e lazer tornou-se constante no século XXI, o acesso às mídias sociais fez com que ficasse mais fácil para o público saber sobre o local e o que o mesmo oferece. Na mesma intensidade em que a tecnologia cresce, mais pessoas se engajam nesses meios para levar informações a um determinado público, por isso, está se tornando comum ver que mais turistas buscam pelo Turismo Mórbido e conhecendo sobre o que essa terminologia significa.

No entanto, nem sempre foi assim. Ao nível mundial, o Turismo Mórbido passou a ser conhecido e estudado primeiramente na Europa, após a Segunda Guerra Mundial, a partir deste acontecimento, outros locais de memória em diferentes continentes, que anteriormente não eram reconhecidos, passaram a ser patrimonializados e turistificados. Alguns exemplos desse ciclo de atrativos turísticos são: Prisão de Alcatraz⁶, localizado em São Francisco na Califórnia;

⁶ Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/a-lendaria-prisao-de-alcatraz.htm>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

Memorial Marco Zero⁷ (Atentado às Torres Gêmeas), localizado em Nova York; Memorial de Hiroshima⁸, no Japão; Chernobyl⁹, localizado na Ucrânia; Auschwitz¹⁰, na Polônia, entre outros.

Essa visibilidade principalmente através das redes sociais têm se intensificado, conforme a revista *online The Washington Post*¹¹ (2019, n.p.) “Não há estatísticas oficiais sobre quantas pessoas participam do turismo mórbido todos os anos ou se esse número está aumentando”, porém, há um site denominado *dark-tourism.com* que abrange quase 900 lugares em 114 países diferentes, não incluindo o Brasil nesses dados. Dessa forma, Monteiro, Monteiro e Silva pontuam,

Esse segmento recente, fruto da pós- modernidade e do pós-turismo, possui relevância para a atividade que busca conhecer suas nuances e assim traçar o perfil desse público novo, suas necessidades e preferências. Identificar as características e o poder motivacional desse nicho será o diferencial para analisar o comportamento desse turista e assim conhecer medidas para seu desenvolvimento, visando ao crescimento do setor, a preservação da história e ao incremento da atividade. (2010, p. 2).

Stone (2005), Foley e Lennon (2000) afirmam que apesar de estarem espalhados em diversos territórios, o Turismo Mórbido teve seu ápice na Europa, com as grandes guerras e por ser uma das civilizações mais antigas do período das navegações e descoberta de outros continentes. Por isso, boa parte dos acontecimentos trágicos e conflitos conhecidos hoje ocorreram em solo europeu, nascendo assim, o campo dos estudos voltado para esse segmento através de estudiosos pioneiros na área.

Já na América Latina, o Turismo Mórbido de acordo com o site da *Travel Latam* (2018) “[...] isso não é um fenômeno novo. Muitas cidades oferecem visitas a famosos cemitérios e casas onde ocorreram tragédias e são "assombradas". No entanto, quando a matéria foi veiculada, constatou-se que a popularidade de espaços obscuros cresceu.” Não só no México, mas na Argentina, as pessoas possuem essa cultura de visitar cemitérios, decorá-los e comemorar

⁷ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/10/ataques-de-11-de-setembro-veja-imagens-do-marco-zero-antes-durante-e-depois-dos-atentados-ao-world-trade-center.ghtml>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.japan.travel/pt/world-heritage/hiroshima-peace-memorial/>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

⁹ Disponível em:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2021/04/a-vida-segue-em-chernobyl-35-anos-apos-o-pior-acidente-nuclear-do-mundo>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

¹⁰ Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/dez-fatos-sobre-o-campo-de-concentra%C3%A7%C3%A3o-de-auschwitz/a-52141454>.

Acesso em 12 de agosto de 2021.

¹¹ Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/graphics/2019/travel/dark-tourism-explainer/>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

a morte e isso é só uma parte de como as culturas podem ser tão distintas mesmo sendo o mesmo continente.

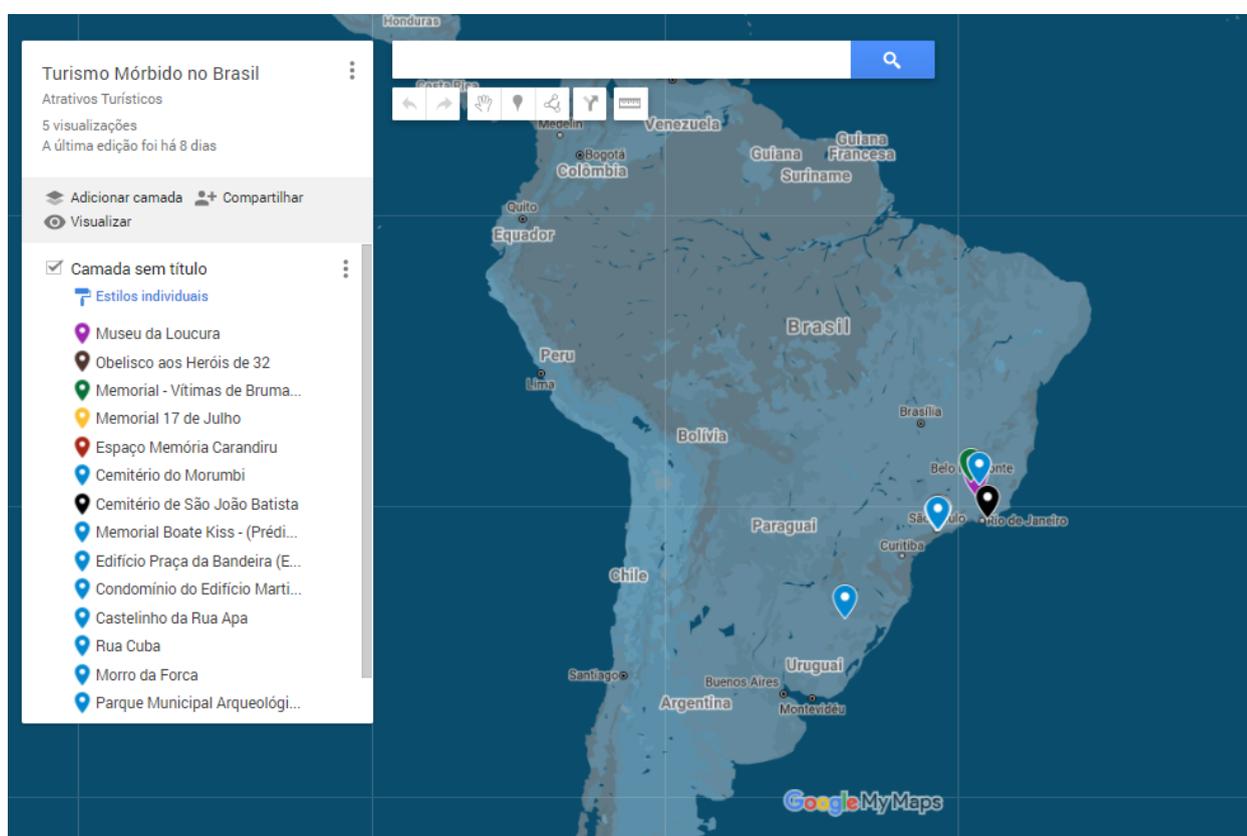
Ainda segundo a *Travel Latam*¹² (2018, n.p.),

[...] a história da região latino-americana está repleta de fatos que permitiriam a criação de tais espaços em muitos países, seja para educar sobre fenômenos culturais como o crime ou eventos histórico-políticos. Mesmo em países como Peru, El Salvador e Argentina com histórico de terrorismo e ditaduras, a discussão pode ser considerada para promover a compreensão junto à economia das regiões afetadas por sua história.

Mas, independente de sua localidade, é inevitável não mencionar um dos principais objetivos de criação desses espaços, que podem permitir o aumento da empatia entre os povos e conectar o passado com o presente e o futuro.

No Brasil, esse fenômeno já acontecia mesmo antes dessa terminologia, apesar do pouco conhecimento, é possível identificar de acordo com o mapa a seguir, alguns atrativos turísticos que foram surgindo ao longo dos anos e se tornaram pontos de sofrimento e reflexão aos brasileiros,

Figura 2: Demonstrativo dos Atrativos Turísticos Mórbidos no Brasil



Fonte: Google MyMaps. Arquivo de Pesquisa, 2021.

¹² Disponível em: <https://es.travel2latam.com/nota/51875-o-turismo-sombrio-cresce-por-cao-do-morbido>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

Existem outros atrativos que não foram pontuados, mas que são tão importantes quanto. Ao longo da pesquisa, foi difícil encontrar todos esses locais, mas de certa forma os poucos encontrados, foram evidenciados. Isso demonstra que apesar de conhecido no Brasil, esses atrativos talvez não sejam reconhecidos como locais de memória, sofrimento e o público para alguns são bem específicos.

Desta maneira chegamos ao objeto de estudo, localizado em Barbacena no Estado de Minas Gerais, local de memória consolidado como Museu da Loucura, trazendo consigo problemáticas, discussões e conhecimento sobre o acontecimento trágico que perpassou no mesmo ambiente onde a exposição se encontra hoje.

1.3 Surgimento dos locais de memória: A turistificação do sofrimento

O turismo cultural compreende qualquer atividade turística que envolva a identidade de um país, município ou cidade. Além de abranger quaisquer tipos de arte, cinema, língua, museu, religião, etc. Sendo assim, o turismo cultural está diretamente ligado ao turismo mórbido, vertente que será utilizada ao longo dessa pesquisa. De acordo com Prezzi,

Uma das vantagens e um dos pontos fortes em se estimular o Turismo Sombrio é exatamente esse estímulo à ajuda, à solidariedade com outros povos. [...] quanto mais as pessoas conhecem a história e cultura de outros povos e pessoas, mais elas se sentem parte dessa cultura, mais elas se sentem responsáveis em preservar a memória e ajudar, por mais triste que seja. (2009, p.40)

Dessa forma, Aragão e Macedo (2011) comentam que o turismo cultural propicia essas trocas singulares, permitindo o desenvolvimento sociocultural do local,

O turismo promove trocas entre os indivíduos de diferentes origens. E ao propiciar o encontro de pessoas, o turismo se apresenta não só como fenômeno econômico, mas também sociocultural. A atividade é capaz de envolver o fluxo de pessoas em diversas regiões e nichos culturais, e, é através desse contato, que se estabelece também uma aceitação de outros costumes. (2011, p. 06)

Entende-se, portanto como lugar de memória, espaços destinados a provocar lembranças, memórias coletivas e individuais, mas principalmente trazer o passado para o presente, no intuito de transmitir uma memória expondo sobre ela, fomentando o ocorrido e tendo como um dos objetivos relatar para as gerações futuras, o passado que não vivenciaram.

Assim, a partir do século XX, esses espaços de memória passaram a ser considerados patrimônios culturais, Sharon Macdonald (2009, p. 11 *apud* Zanirato) afirma “a maioria da população preferiria não ter, porque sua manutenção não remete a celebrações, mas a lembranças

traumáticas, parte de uma difícil história vivida por uma nação, ou por uma cidade”. Por outro lado, Castro assegura que,

A preservação do Patrimônio Cultural tem importância fundamental para o desenvolvimento e enriquecimento de um povo e de sua cultura. Os bens culturais guardam informações, significados, mensagens, registros da história humana - refletem ideias, crenças, costumes, gosto estético, conhecimento tecnológico, condições sociais, econômicas e políticas de um grupo em determinada época. (2006, p. 06)

Dessa maneira, os espaços tornaram-se em sua maioria patrimônio daquela localidade, surgindo e permanecendo vivo para que pessoas possam visitá-los de modo a saber sobre o seu passado e para que os mesmos acontecimentos não se repitam futuramente, como destaca Serres e Borges,

A patrimonialização de espaços que procuram rememorar tragédias mostra-se como consequência da expansão da noção de patrimônio e da preocupação de políticas de memória que procuram garantir a preservação como uma forma de reconciliação com um passado doloroso, que ainda reverbera no social. (2015, p. 256)

A evolução e o crescimento dos locais de memória, foram distintos em cada continente, Serres e Borges (2015, p. 256) afirmam que “na Europa esse processo pode ser observado através da patrimonialização dos lugares de memória ligados ao Holocausto, enquanto na América Latina o mesmo pode ser notado em relação aos espaços ligados à ditadura militar”. Além disso, gradualmente cada País e/ou Estado passaram a enxergar os espaços como possíveis potencialidades turísticas, isso deve-se ao fato de que não eram previstos certos acontecimentos, bem como o pós-acontecimento, então a atividade turística junto ao capitalismo tornaram esse cenário possível.

Transformados em atrativos turísticos e de memória, Stone (2012) afirma que “o turismo obscuro e a mercantilização da morte tornaram-se uma característica marcante da contemporaneidade”, contudo o turismo possui esse papel de ressignificar o espaço e torná-lo acessível ao público, valorizando a cultura, patrimônio e a potencialidade de cada local, passando por transformações positivas e negativas, como adaptações na infraestrutura, por exemplo, o que leva ao alcance de um público maior e consequentemente de um lucro maior.

Esses espaços configuraram-se como turísticos e, para Lloyd (1998, p.11), “a criação de lugares dessa natureza tornou-se comum após a Guerra de 1914–18, quando da instituição de espaços para honrar e relembrar os mortos, explicar a guerra e a morte em massa”, porém Zanirato (2019, p.14) argumenta que não é fácil entender o significado de um memorial na ausência de informações explícitas, muitas vezes resumidas a “crueldade exercida pelo homem

contra seus semelhantes”, e não é de se estranhar que isso leve os turistas a confundir o significado social e histórico do lugar, ou deixar de vê-lo.

Por outro lado, há quem não compactue com essa categoria de segmento turístico. Consoante a *British Broadcasting Corporation* (BBC), pessoas próximas a esses locais acham estranho turistas tirarem fotos, comerciantes ganharem dinheiro com lembrancinhas do atrativo, cobrança de ingresso e toda a mercantilização realizada, além do “não respeito” ao luto de diversas famílias, principalmente quando a tragédia é recente. Segundo Liguori (2017) “a venda dos lugares de tragédia como produto turístico nada mais é do que mais uma das estratégias do capitalismo de mercantilização do espaço. Como consequência, há a banalização e espetacularização dos lugares de memória”.

Para além dos espaços de memória tornarem-se turísticos, evidencia-se o valor que isso possui para a sociedade e para os indivíduos, como forma não só de retorno capital, mas de uma identificação do passado, de suas raízes e de como pretende ser o futuro. Polak (1992, p. 204) destaca que “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si.”

Ao nível internacional, alguns locais destacam-se nesse segmento, de acordo com o *web site* *Catraca Livre*¹³ (2017) são os campos de concentração na Alemanha, a cidade abandonada de Chernobyl, Pompéia, Coliseu, entre outros, isso deve-se ao fato de que milhares de turistas buscam por esses destinos visando conhecer esses locais que anteriormente foram palco de guerra, conflitos, mortes e mistérios que até hoje são difíceis de desvendar por completo.

Assim sendo, o Turismo Mórbido passou por diversas mudanças ao longo dos anos, e pensando nisso, o próximo capítulo abordará justamente como esse tipo de segmento pode ser percebido ou não, no contexto do objeto de estudo, situado no Brasil, mais especificamente em Minas Gerais, na Cidade de Barbacena.

¹³ Disponível em:

<https://catracalivre.com.br/viagem-livre/dark-tourism-locais-turisticos-associados-morte-ou-genocidios/>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

2. BARBACENA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SEGMENTAÇÃO DO TURISMO

No presente capítulo foi descrita a história da cidade de Barbacena, localizada em Minas Gerais. Neste âmbito foram discutidos os dois nomes comuns pelo qual a cidade é reconhecida no estado mineiro mas também fora dele, além de explorar, evidenciar o acontecimento do genocídio no hospital e a posterior criação do Museu da Loucura, como um local de memória e turístico.

2.1 Cidade das Rosas e Cidade dos Loucos

A cidade de Barbacena, fica localizada no Estado de Minas Gerais, mais precisamente na Serra da Mantiqueira e a 169 km da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado. De acordo com o IBGE no censo de 2019, a população estimada chega a 139.061 pessoas.

Figura 3: Cidade de Barbacena-MG.



Fonte: Portal de Notícias de Barbacena, 2019¹⁴

Em 1698¹⁵ Vila de Barbacena, surgiu em meio a diversas aldeias indígenas da região da Serra da Mantiqueira, entre eles os Puris, Coroados e Carijós.

¹⁴ Disponível em: <https://www.barbacenamais.com.br/politica/168-prefeitura-de-barbacena/>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://barbacena.mg.gov.br/m/noticia.php?id=4676>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

Os últimos representantes desses indígenas desapareceram em meados do século XVIII. Os primeiros povoadores da região foram paulistas e portugueses, procedentes, na maioria, de Taubaté. Transpondo a Mantiqueira pela garganta do Embaú, desbravaram os sertões e estabeleceram-se no território, dedicando-se de início à mineração e, em seguida, à lavoura e criação de gado. (IBGE, 1958. v. 24, p. 136)

Mas, dentre todos os acontecimentos principais, vale destacar a sua criação como distrito denominado Barbacena, pela Lei Estadual n.º 2, de 14-09-1891 e sua vasta área territorial, que abriga atualmente 13 distritos: Barbacena, Colônia Rodrigo Silva, Correia de Almeida, Costas da Mantiqueira, Faria, Padre Brito, Galego, Mantiqueira do Palmital, Senhora das Dores, Pinheiro Grosso, Ponte do Cosme, Ponte Chique do Martelo e São Sebastião dos Torres, além disso, neste ano de 2021 foi comemorado os 230 anos da cidade, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE¹⁶.

Após ser reconhecida como Barbacena, a cidade ganhou sua ascensão e passou a ser uma das principais produtoras de flores do Estado, cultivando e fornecendo para Belo Horizonte e demais localidades dentro e fora de Minas Gerais. Ainda de acordo com o IBGE,

Situado na Serra da Mantiqueira, a 1 160 metros de altitude, o Município possui um clima subtropical com tendência para temperado. Normalmente ocorrem geadas no inverno. Essas condições climáticas permitem a cultura de frutas européias, praticada com resultados compensadores. Essas mesmas condições favorecem o cultivo de flores, cuja produção anual é considerável e tem relativa importância na economia local. (IBGE, 1958. v. 24, p. 139)

Além disso, Resende e Toledo (2014, p. 03), afirmam que a cidade “[...] apresenta um longo histórico na produção de flores em virtude do grande número de imigrantes europeus que se mudaram para a região na segunda metade do século XX e ali começaram a produzir flores”, desse modo, conforme a sociedade foi-se expandindo pelo território, a agricultura passou a ser um caminho para geração de renda das famílias ali existentes.

Desta mesma maneira, o Brasil começou a olhar diferente para o ramo, isso porque “Até a década de 1950, a floricultura no Brasil era vista como um *hobby*, como uma atividade complementar para outras práticas agrícolas e pouco significativa para a economia nacional” conforme Resende e Toledo (2014, p. 04).

Além disso, as principais regiões produtoras eram as capitais dos diferentes Estados, o que de certa forma facilitava o acesso a essas produtoras, porém, gradualmente foram surgindo espaços voltados para a exposição dessas flores, a começar por Holambra, no interior de São Paulo. Surgiu também grandes centros comerciais como Companhia de Entrepósitos e Armazéns

¹⁶ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=31519&view=detalhes>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

Gerais de São Paulo (CEAGESP) e Centro Estadual de Abastecimento (CEASA), o que incluiu lentamente Barbacena neste cenário, tornando-a uma das maiores produtoras de flores e rosas do país e de fora do país, como os Estados Unidos da América e Europa.

A produção de flores e rosas foi muito importante para o município, visto que movimentava a economia local e ainda contribuía para proporcionar melhor renda e oportunidades de trabalho. Por se tratar de uma atividade totalmente manual, na qual não era comum o uso de máquinas e equipamentos, a floricultura da região se caracterizava como a atividade rural de maior percentual de mão de obra por hectare (SEBRAE, 2007).

De acordo com o portal Cidade-Brasil¹⁷, em 2021 além da economia voltado à agropecuária, outros fatores contribuíram para a lucratividade da cidade (Figura 2). Sendo possível visualizar que diferentes âmbitos são explorados pelos barbacenenses, como as indústrias, área cultural, turismo, entre outros.

Figura 4: Dados Econômicos do Município de Barbacena, Minas Gerais - Brasil

DADOS ECONÔMICOS DE BARBACENA	
Valor Adicionado Bruto, a preços correntes, da Agropecuária	R\$ 69 298 877
Valor Adicionado Bruto, a preços correntes, da Indústria	R\$ 278 815 560
Valor Adicionado Bruto, a preços correntes, dos Serviços	R\$ 843 980 170
	R\$ 263 561 792
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos, a preços correntes	R\$ 143 325 013
Produto Interno Bruto a preços correntes	R\$ 1 335 419 620

Fonte: Portal Cidade-Brasil, 2021¹⁸

Mas, é importante evidenciar que Barbacena é conhecido não só pelas rosas e diferentes tipos de flores, mas também por sua estrutura arquitetônica de mais de dois séculos de existência, sua beleza patrimonial e pelo turismo cultural. Dessa forma, com o passar dos anos, a cidade foi ganhando novas formas de subsistência, e um grande exemplo disso são as festividades tradicionais, como a Festa das Rosas e das Flores, que ocorre geralmente em outubro todos os anos; a Festa Jubileu de São José Operário, que acontece geralmente em abril, próximo da semana santa; Exposição Agropecuária, que conta com diferentes apresentações

¹⁷ Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-barbacena.html>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

¹⁸ Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-barbacena.html>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

artísticas e tem o costume de ocorrer em maio; e por fim, o Festival da Loucura, que teve sua última edição em 2010, mas que retornará em 2022 misturando arte e insanidade, segundo os próprios idealizadores¹⁹.

No entanto, Barbacena não é reconhecida apenas por cidade das Rosas, mas também por uma das maiores tragédias que já ocorreram em território brasileiro, denominado pela autora Daniela Arbex (2013), como Holocausto Brasileiro, mas, confrontado pelo ex Secretário - Chefe da Casa Civil de Barbacena, José Augusto Penna Naves através de um texto publico no portal oficial da cidade,

Ao rotular a história do Colônia como um “Holocausto”, a obra lança no fogo do imediatismo qualquer relativização, pois amplifica ao máximo a tragédia deixando implícito que a meta da Colônia era roubar os já despossuídos, explorar suas poucas forças e finalmente queimá-los no esquecimento. (Artigo publicado no Jornal Praça Pública, de 25/11/2016 e transcrito da página do Facebook “José Augusto Penna Naves”, de 01/12/2016)

Dessa forma, há diferentes versões sobre a polêmica temática, porém o que de fato ocorreu foi a transferência para o município o *slogan* de cidade dos loucos, considerando todos os acontecimentos do trágico período. Segundo Abdala (2010),

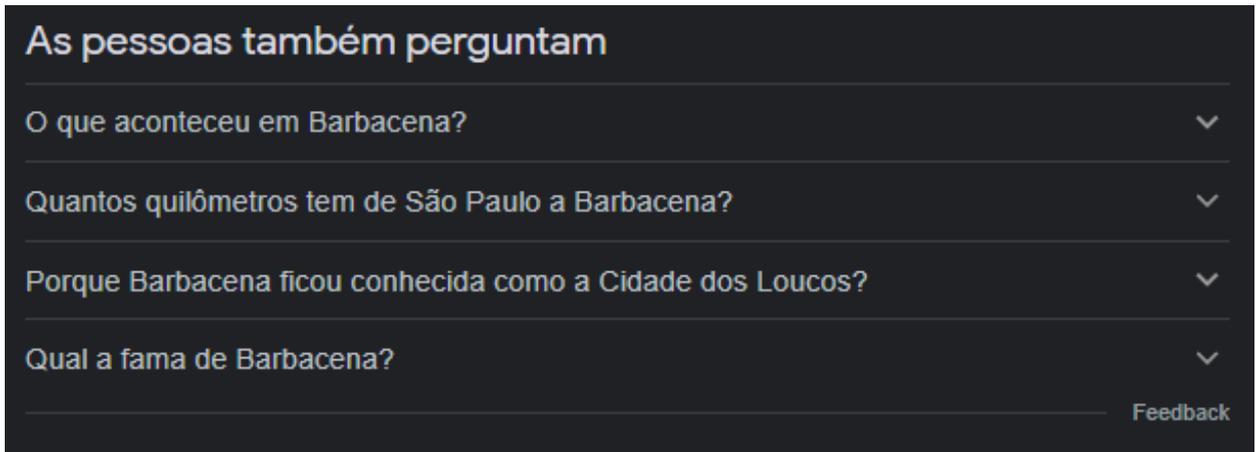
É uma história que começou em 1903, quando a cidade foi escolhida para receber o primeiro hospital psiquiátrico de Minas Gerais, mas continuou por décadas, quando milhares de pessoas foram internadas ali, fazendo com que o município passasse a ser conhecido como a Cidade dos Loucos. (2010, n.p.)

Durante uma busca simples na *internet*, é possível visualizar que essa parte da história de Barbacena é muito mais priorizada nas mídias sociais do que o ramo das rosas, fato aparente nas buscas do *google*. E também nas pesquisas mais realizadas pelos usuários em relação à cidade.

¹⁹ Disponível em:

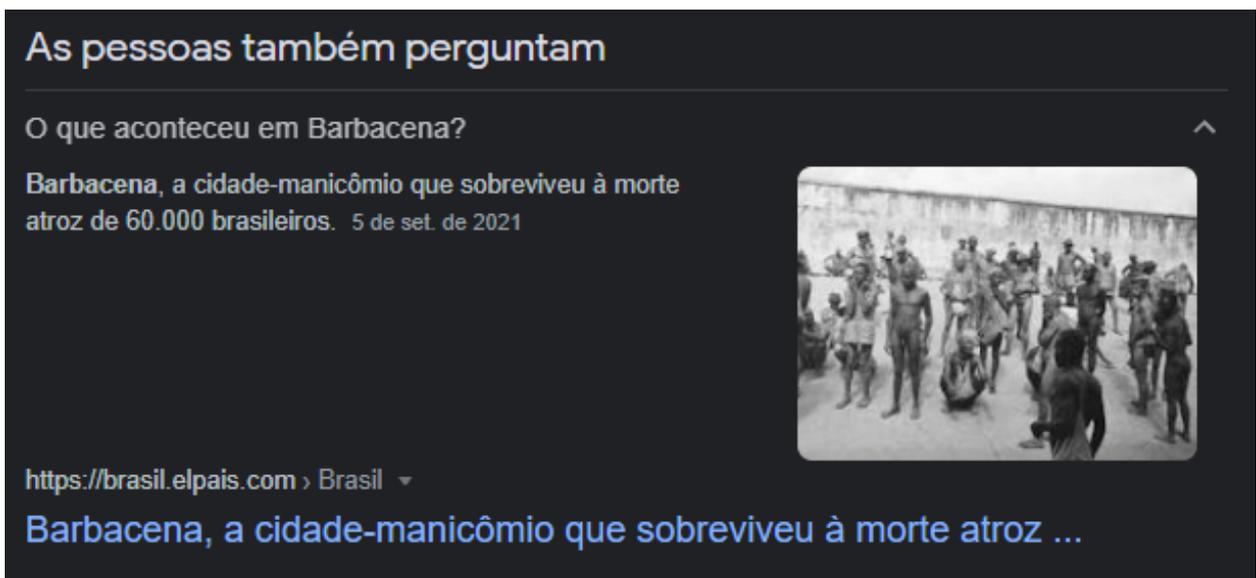
<https://www.otempo.com.br/turismo/barbacena-realiza-51-edicao-da-festas-das-rosas-e-das-flores-em-outubro-1.2236122>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

Figura 5: Busca do *google* através da palavra “barbacena”



Fonte: *Google*, 2021²⁰

Figura 6: Primeira pergunta mais frequente feita por usuários do *google*



Fonte: *Google*, 2021²¹

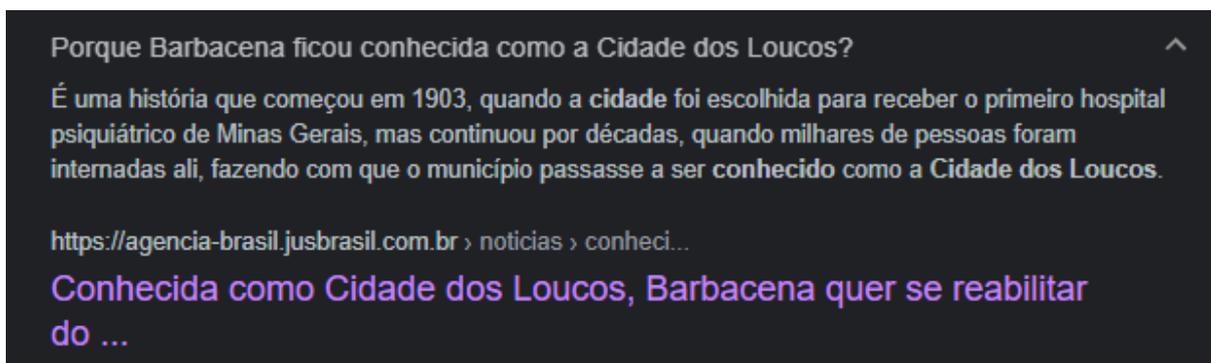
²⁰ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=barbacena&oq=barbacena&aqs=chrome.0.69i5913j0i131i433j69i6014.1832j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

²¹ Disponível em:

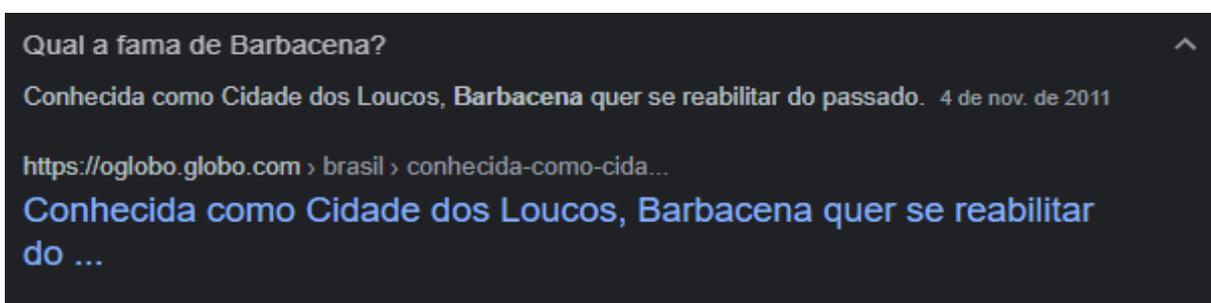
<https://www.google.com/search?q=barbacena&oq=barbacena&aqs=chrome.0.69i5913j0i131i433j69i6014.1832j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

Figura 7: Terceira pergunta mais frequente feita por usuários do *google*



Fonte: *Google*, 2021²²

Figura 8: Quarta pergunta mais frequente feita por usuários do *google*



Fonte: *Google*, 2021²³

Portanto, a disseminação dessa informação é muito forte, em contrapartida, alguns veículos midiáticos afirmam que a cidade e os barbacenenses atualmente lidam melhor com essa questão do reconhecimento como “Cidade dos Loucos”, Abdala (2011) afirma,

Uma parte da população aceita isso com muita naturalidade e até se orgulha porque temos uma história de superação para contar ao mundo. Não tivemos só o hospício com suas faces negativas, também tivemos, depois, todo o trabalho de grandes profissionais de saúde que conseguiram, em poucos anos, reverter essa situação. (Agência Brasil - Vitor Abdala)

Logo, essa memória passou a ser reconstruída pelos cidadãos e pelos ex-governantes da cidade, um exemplo disso foi inserindo os ex-pacientes do Colônia na sociedade e em casas psiquiátricas. Além disso, parte do antigo hospital foi transformado em museu, chamado Museu da Loucura, criando assim, um elo entre o ocorrido e os dias atuais, para que não aconteça novamente.

²² Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=barbacena&oq=barbacena&aqs=chrome.0.69i5913j0i131i433j69i60l4.1832j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

²³ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=barbacena&oq=barbacena&aqs=chrome.0.69i5913j0i131i433j69i60l4.1832j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

Portanto, existe um documentário chamado “Dos loucos e das rosas”, que retrata pontualmente a versão dos moradores sobre todo o acontecimento perpassado em Barbacena, com falas e memórias de como tudo isso afetou e afeta ainda hoje a visão de reconhecimento e pertencimento deles enquanto barbacenenses.

Além disso, o turismo mórbido, traz consigo a memória daqueles que já se foram, seja através de um memorial ou de um museu como em Barbacena, a ideia é sempre ressignificar aquele ambiente de tanta dor no passado, em forma de consciência para os que ficaram hoje.

Barbacena certamente sente até hoje como esse trágico fato afetou e afeta as pessoas, sejam eles, os ex-pacientes, os familiares dos ex-pacientes, os moradores ou os ex-funcionários do local, todos colheram algo desde quando a história foi divulgada pelo mundo afora. “A dor, o julgamento por parte das pessoas de fora da cidade é muito grande, é quase como se fosse (ou ser) o mesmo exemplo dos campos de concentração na Alemanha, mas aqui no Brasil” ainda de acordo com Arbex (2013).

Por isso, o próximo subitem desenvolve o assunto acerca do início da loucura no mundo e como a psiquiatria junto aos tratamentos psiquiátricos eram aplicados naquele momento, além de toda a jornada até os dias atuais. Desta maneira, é relatado toda a história até chegar ao HCB, que antes era um sanatório para a burguesia, como descrito por Edson Brandão, no documentário “Holocausto Brasileiro”²⁴.

2.2 Um campo de concentração no Brasil

Para entender a loucura no mundo, é preciso voltar alguns anos e mencionar alguns fatores cruciais ao longo da construção das sociedades que perpetuam até os dias atuais, com outros significados e outros modos de execução, mas que iniciaram com deuses, seres mitológicos e pessoas que não estão neste plano mais.

Por volta de 2000 a.C, as pessoas que habitavam a terra acreditavam em deuses para cada área de sua vida, mas não só para coisas boas como também para coisas ruins, por exemplo, as doenças da época. Para eles, os deuses criaram essas doenças como forma de castigo aos seres que ali estavam. Sendo assim o Deus Hipócrates, considerado pai da medicina, iniciou um processo de observação do adoecimento e como essas pessoas agiram ao longo desse processo.

²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5eAjshaa-do>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

Desta maneira, Soares (sem ano) afirma, “Nesta época, teve então início os estudos sobre as doenças mentais, reconhecendo doenças como a malária, a tuberculose, histeria, neurose, luxações e fraturas. Já com a chegada da Idade Média e o poder da igreja, qualquer pessoa que saísse ou demonstrasse não seguir o padrão daquela sociedade era queimado, especialmente mulheres, que comumente eram chamadas bruxas ou feiticeiras. Segundo Oliveira, Vieira e Andrade (2006, n.p) “nas sociedades pré-capitalistas os loucos (diferentes), eram compreendidos e tratados de diferentes maneiras, mas geralmente, com sentido mágico ou religioso, assim como até essa época, a religião era central na explicação do ser humano e da natureza”.

Mas, com o avanço da ciência, foram surgindo diversos estudiosos da área da medicina, filosofia e da história, um deles foi Philippe Pinel, pioneiro no tratamento de doentes mentais e um dos precursores da psiquiatria moderna. Segundo o estudioso, criminosos e loucos eram pessoas distintas e não necessitavam estar no mesmo ambiente, então, passou a libertá-los, segundo o Governo do Estado de São Paulo,

Consideradas avançadas para a época, as teorias de Pinel nem sempre foram aceitas integralmente. Mesmo depois da publicação de seus estudos, era comum encontrar instituições que tratavam os loucos como criminosos ou endemoniados. E que não dispensavam os tratamentos físicos. Nestes tratamentos buscava-se dar um "choque" no paciente, fazer com que passasse por uma sensação intensa, que o tirasse de seu estado de alienação. Eram frequentes, além das práticas descritas, os isolamentos em quartos escuros, banhos de água fria, uso de aparelhos que faziam com que o paciente rodopiasse em macas ou durante horas até que perdesse a consciência. (Secretária de Estado de Saúde - D.O.E 11/01/2003)

Contudo, Vieira (1981) afirma,

Só é possível compreender o nascimento da psiquiatria a partir da medicina, no momento em que esta incorpora a sociedade como novo objeto e se impõe como instância de controle social dos indivíduos. É no seio da medicina social que se constitui a psiquiatria. Do processo de medicalização da sociedade surge o projeto - característico da psiquiatria - de patologizar o comportamento do louco, somente a partir de então considerado anormal e, portanto, medicalizável. (1981, p.50)

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, psiquiatria significa “ramo da medicina que se ocupa do diagnóstico, da terapia medicamentosa e da psicoterapia de pacientes que apresentam problemas mentais”. Os primórdios da psiquiatria no Brasil, teve seu início com a chegada da família real, Bastos afirma,

[...] a história oficial da psiquiatria no Brasil teve início com a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, trazendo a bordo, “engaiolada”, a rainha D. Maria I. Sua Alteza havia sido considerada insana e afastada de suas funções pelo médico da corte, o pernambucano José Correia Picanço, primeiro Barão de Goiana, fundador dos cursos médicos no país. (2007, p. 154)

Portanto, anos depois os hospícios foram criados com a função de cuidar dessas pessoas doentes, ainda segundo Vieira (1981),

Na fundação da psiquiatria o hospício é então concebido como o lugar de exercício da ação terapêutica, tendo como objetivo destruir a loucura. Sua característica principal é uma ação que não se dá como negativa, dedicada a impedir, tolher ou afastar, mas como positiva, recuperadora. (1981, p.51)

Os estudos sobre a história da loucura, começaram a partir de um dos autores referência para o assunto, o filósofo francês Michael Foucault, que lançou seu livro em 1961. Em meio aos estudos, o então filósofo criou sua teoria sobre a loucura no século XX, sem definir o que é a loucura, mas sim, como os sujeitos se comportam perante a sociedade em relação aos acontecimentos históricos ou específicos entre a Idade Média, o Renascimento e a Idade Clássica.

Segundo Providello e Yasui (2012, p. 1517) “ele traça uma trajetória do que é conhecido hoje como doença mental e mostra como essa doença mental se diferenciou das concepções de loucura de outrora”, por outro lado, o filósofo, também aborda como essas pessoas eram vistas pela sociedade, segundo o mesmo, a loucura não era algo hereditário ou uma doença como muitos psiquiatras acreditavam, mas sim, parte de um fator cultural daquele ser, único e individual. Foucault afirmava,

A constituição da loucura como doença mental, no fim do século XVIII, delineia a constatação de um diálogo rompido entre loucura e não loucura, entre razão e não razão. A linguagem da psiquiatria, que é um monólogo da razão sobre a loucura, só pôde estabelecer-se sobre um tal silêncio. (Guia do Estudante, 2017)

Deste modo, o autor se preocupa com o tratamento que esse louco recebe na sociedade, excluindo qualquer tipo patológico ou científico do que de fato esse sujeito apresenta, considerando a sociedade em que ele está inserindo e se há inclusão ou exclusão, tanto na antiguidade como na pós-modernidade. Foucault (2006, p.163) reafirma, “A loucura não pode ser encontrada no estado selvagem. A loucura só existe em uma sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas de repulsa que a excluem ou capturam.”

Naquela época era comum pessoas doentes mentais perambularem pelas ruas, dormir em qualquer lugar e não ter nenhum tipo de tratamento adequado, uma vez abandonados pela família e longe de se adequar ao padrão da sociedade, o que restava era viver sob caridade e a margem da criminalidade. Então, as Santas Casas de Misericórdia²⁵, também passaram a abrigar essas

²⁵ Destinada inicialmente a atender a população mais necessitada, com funções como alimentar os famintos, assistir aos enfermos, consolar os tristes, educar os enjeitados entre outras, mais tarde passou ainda a prestar assistência aos

peças, segundo Bastos (2007, p. 154), os pacientes considerados “normais” ficavam nos andares superiores, porém não era o mesmo tratamento que os pacientes considerados “loucos” recebiam, o autor afirma “[...] eram jogados nos porões infectos dos estabelecimentos, habitualmente situados abaixo dos pacientes portadores de cólera. Os mais agitados eram presos ao tronco e espancados pelos guardas”

Outros fatores importantes na construção da imagem de Barbacena, foram os momentos de tragédia, que ocorreram no Hospital Colônia de Barbacena, entre os anos de 1930 e 1980, levando mais de sessenta mil pessoas a óbito em um estado de calamidade, desumanidade e completamente inabitável.

O primeiro hospital psiquiátrico de Minas Gerais, o conhecido HCB de Barbacena, teve sua origem em 12 de outubro de 1903, e seu objetivo principal era ser um centro de cuidados para pacientes que apresentavam algum tipo de transtorno psíquico ou mental. O que de certa forma foi realizado no início, mas que passou a ter funcionalidades cruéis com o passar dos anos. De acordo com dados do Portal oficial da Prefeitura de Barbacena-MG,

Desde que foi lançado em 2013, o livro da jornalista Daniela Arbex, intitulado “Holocausto Brasileiro” vendeu 250 mil exemplares com o polêmico tema que cotidianamente reacende brasas meio adormecidas de uma importante história que povoa o imaginário de barbacenenses e brasileiros: o Hospital Colônia de Barbacena, criado em 1903. Falo em “brasas adormecidas” porque a história e denúncias abordadas não são novas. Mas a forma como a máquina promocional em torno do livro e agora da série de televisão atua, faz as pessoas imaginarem que tudo o que aparece em fotos preto-e-branco e depoimentos tornou-se público somente nesta obra, fazendo crer que estavam ocultos e não foram alvo de pesquisas, congressos e celebrações por várias décadas. Aliás, foram elas grandes contribuintes para o avanço da luta antimanicomial no Brasil. (Naves, 2016 - Artigo publicado no Jornal Praça Pública, de 25/11/2016 e transcrito da página do Facebook “José Augusto Penna Naves”, de 01/12/2016)

De acordo com o dicionário da língua portuguesa, holocausto “era originalmente usada para designar um sacrifício aos deuses em que a vítima era queimada”, mas segundo o livro que denominou o nome para a tragédia de Barbacena, holocausto é utilizado por lembrar o acontecimento nos campos de concentração nazistas, pontuado por Arbex,

Em geral, soa como exagero quando aplicada a algo além do assassinato em massa dos judeus pelos nazistas na Segunda Guerra. Neste livro, porém, seu uso é preciso. Terrivelmente preciso. Pelo menos 60 mil pessoas morreram entre os muros do Colônia. Tinham sido, a maioria, enfiadas nos vagões de um trem, internadas à força. Quando elas chegaram ao Colônia, suas cabeças foram raspadas, e as roupas, arrancadas. Perderam o nome, foram rebatizadas pelos funcionários, começaram e terminaram ali. (2013, p. 13)

Em contrapartida, Naves, ex-secretário-chefe da casa civil de Barbacena contrapõe os argumentos utilizados pela jornalista, em um breve relato postado em uma de suas redes sociais e posteriormente na página oficial do município,

Ao associar estes fatos com as ações dos nazistas, vale saber que a concentração era apenas uma parte do processo, pois o estado nazista expropriava, concentrava, explorava e eliminava os judeus nas câmaras de gás, para depois incinerar seus corpos. Isso era o Holocausto - expressão que significa “tudo queimado”. Ao rotular a história do Colônia como um “Holocausto”, a obra lança no fogo do imediatismo qualquer relativização, pois amplifica ao máximo a tragédia deixando implícito que a meta da Colônia era roubar os já despossuídos, explorar suas poucas forças e finalmente queimá-los no esquecimento. (Naves, 2016 - Artigo publicado no Jornal Praça Pública, de 25/11/2016 e transcrito da página do Facebook “José Augusto Penna Naves”, de 01/12/2016)

Pessoas de diferentes locais do Brasil, com distúrbios mentais ou que não se comportavam de acordo com o conservadorismo da época eram enviados para o Hospital Colônia, de onde só saíam futuramente mortos e sem passagem de retorno. Isso incluía pessoas homossexuais, mães solteiras, prostitutas e qualquer outro indivíduo fora do “padrão” imposto. Além disso, mais de 70% dos pacientes não apresentavam nenhum tipo de doença mental. De acordo com Maya Neto,

a doença mental nesse período, comumente referida como alienação e loucura, era entendida como a negação da saúde. Em outras palavras, a definição de doença mental baseava-se na distinção entre quem era considerado são e quem era considerado insano, entre o que era considerado normal e o que era tido como anormal, sendo que a anormalidade era percebida como uma ameaça à ordem social, o que justificava o isolamento – a segregação espacial. (2018, p. 09)

Conseqüentemente, não haviam aparatos para que certos atos não ocorressem nos antigos manicômios, dado que, os tratamentos impostos eram subsidiados pelo Governo, ou seja, quanto mais pessoas nas condições associadas à loucura, maior era o lucro. Lüchmann e Rodrigues afirmam que

O manicômio é a tradução mais completa dessa exclusão, controle e violência. Seus muros escondem a violência (física e simbólica) através de uma roupagem protetora que desculpabiliza a sociedade e descontextualiza os processos sócio históricos da produção e reprodução da loucura. (2007, p. 402)

Alguns dos episódios que aconteciam frequentemente no hospital colônia, era a venda de cadáveres para instituições de ensino que possuíssem o curso de medicina em sua grade curricular, dentre elas estavam a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Arbex confirma,

Além daqueles trinta cadáveres, outros 1.823 corpos foram vendidos pelo Colônia para dezessete faculdades de medicina do país entre 1969 e 1980. Como a subnutrição, as péssimas condições de higiene e de atendimento provocaram mortes em massa no hospital, onde registros da própria entidade apontam dezesseis falecimentos por dia, em

média, no período de maior lotação. A partir de 1960, a disponibilidade de cadáveres acabou alimentando uma macabra indústria de venda de corpos. (2013, p. 67)

Cotidianamente, diversos internos morriam nas alas do hospital, isso ocasionava o grande volume de corpos pelos corredores, propiciando as vendas dos corpos ou peças, como eram chamados nos livros que documentam essas vendas e seus respectivos valores, além de quem ou qual instituição adquiriu, evidenciado na imagem.

Figura 9: Quarta pergunta mais frequente feita por usuários do *google*



Fonte: The Crime Brasil, 2021²⁶

No entanto, após certo tempo, as faculdades não compravam mais esses corpos, não só pelo estado em que se encontravam, mas por simplesmente já terem corpos demais. Ainda segundo Arbex (2013, p.69) “O objetivo era que as ossadas pudessem, então, ser comercializadas”.

O fato é que com a precariedade e desumanização, os movimentos sociais passaram a ser cruciais para a desconstrução dos manicômios, dos locais de tortura e morte. De acordo com Lüchmann e Rodrigues (2007, p.401) dissertam, “os movimentos sociais, nas sociedades

²⁶ Disponível em: <https://www.thecrimebrasil.com.br/2021/08/holocausto-brasileiro-e-o-morhan.html>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

complexas, são redes de ações que desenham uma estrutura submersa, um mosaico formado por indivíduos e grupos que, em estado de latência, gestionam, no cotidiano, as lutas, reflexões e os questionamentos acerca da realidade social”.

Além disso, um dos fatores cruciais para que houvesse uma movimentação em mudar o Colônia, foi a vinda do psiquiatra italiano Franco Basaglia, que teve grande participação na reforma da psiquiatria na Itália. Ao vir para o Brasil, e visitar o Hospital Colônia, Arbex (2013, p.15) relata “[...] chamou uma coletiva de imprensa, na qual afirmou: “Estive hoje num campo de concentração nazista. Em lugar nenhum do mundo, presenciei uma tragédia como esta”.

Desta maneira, tornou-se um símbolo pela luta para humanização do local, em relação aos pacientes e aos tratamentos ali prestados pelos funcionários. Em meio a isso, foram surgindo novos movimentos, como a luta antimanicomial.

A luta antimanicomial surgiu a partir de diversas discussões em congressos, manifestações e movimentos que abordassem essa questão dos hospícios, muito comuns naquela época, meados dos anos 1970. Sendo assim, é de extrema importância que falem sobre esse assunto delicado, mas necessário, não ser omissos já é uma forma de militância e discordância com o sistema. Essa tragédia é parte da nossa história e lembrá-la é um exercício essencial.

2.3 Museu da Loucura como local de memória dos esquecidos

O Museu da Loucura foi fundado no dia 16 de agosto de 1996, em uma parte do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena (CHPB), antigamente conhecido como o primeiro Hospital Colônia de Minas Gerais. Tal fragmento é reforçado por Godoy (2014)

A inauguração do Museu da Loucura não é somente um acontecimento histórico; não é somente um acontecimento discursivo; é também a instauração de um novo arquivo, o qual participa do próprio processo de identificação da cidade de Barbacena. Processo que passa pela resignificação de sua alcunha Cidade dos Loucos, por meio da valorização de uma memória que insiste em se reinscrever. (2014, p. 35)

A resignificação do espaço deu-se através de uma parceria entre a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig) e a ainda existente, Fundação Municipal de Cultura de Barbacena (Fundac), e possui como um dos objetivos evidenciar fotos, documentos, equipamentos de tortura e demais instrumentos históricos utilizados ao longo do funcionamento do Colônia. Para além disso, busca-se através do Museu resgatar a memória do local, bem como homenagear os ex-internos que sofreram ao longo de décadas dentro do que era para ser seu lar.

Conforme a reportagem publicada no Portal de Notícias da Globo (G1), a assessoria da Fhemig afirma que (2021) “O prédio escolhido para acolher o museu, pela sua beleza e suntuosidade arquitetônica, foi o Torrião dentro do CHPB, o que possibilitou também que a história fosse contada nos locais originais em que aconteceram”. Dessa forma, o prédio foi totalmente restaurado, principalmente por tratar-se de uma estrutura antiga, de meados de 1922.

Edson Brandão, ex-curador do Museu, em entrevista ainda ao portal G1, pontua mais um dos objetivos na criação do mesmo, “[...] tratar de forma crua e com respeito pelas pessoas que viveram e morreram no Hospital Colônia. É um memorial e um ambiente respeitoso às memórias de quem foi submetido a tratamento no local. Uma forma simples, mas bastante eficiente de recuperar e mostrar esta história”.

O museu é composto por aproximadamente dez salas, cada uma expondo uma parte da história, de acordo com a linha do tempo proposta pelo Museu, que vai desde o século XVIII quando Barbacena era conhecida por Borda do Campo. A exposição é permanente e foi reconfigurada na reabertura do museu em 2016.

É importante mencionar que anteriormente ao Hospital Colônia, havia um local bem estruturado conhecido como Sanatório de Barbacena, localizado na região identificada como Fazenda da Caveira, segundo a exposição no Museu atualmente. Esse local era conhecido principalmente pela burguesia, como um spa de luxo e requinte para a época, mas também, como uma casa de repouso para pessoas doentes.

Lá, diferentes influentes da época ficavam hospedados, inclusive antes do fim da Monarquia, o Imperador D. Pedro II e seus acompanhantes, ficaram hospedados no local, que realizou um “Menu do Imperador”, com diversos tipos de refeições requintadas, variando entre sopas e peixes, com um cardápio adaptado à língua francesa.

Ao chegar na cidade de Barbacena, é possível deparar-se com uma placa informando que há um Museu da Loucura na cidade com indicação de direção.

Figura 10: Placa indicativa a respeito do Museu da Loucura, na BR-040



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A entrada do Museu da Loucura, é através da portaria principal do CHPB. Ao chegar no Museu, é possível visualizar sua placa de identificação junto de sua grande torre, que chama muita atenção.

Figura 11: Vista do lado de fora do Museu da Loucura (esquerda para a direita)

Figura 12: Placa indicativa do Museu da Loucura



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Portanto, ao entrar no Museu da Loucura, à primeira vista, o que se pode ver no local é a sala de recepção, um corredor para as salas do térreo e placas informativas na entrada de cada uma das salas. A primeira placa, logo na entrada, possui alguns dizeres sobre a loucura e como a mesma era tratada naquela época pelas pessoas.

Figura 13: Recepção do Museu da Loucura (esquerda para direita)

Figura 14: Primeira placa de exposição na entrada do Museu da Loucura

Figura 15: Corredor na entrada do Museu da Loucura



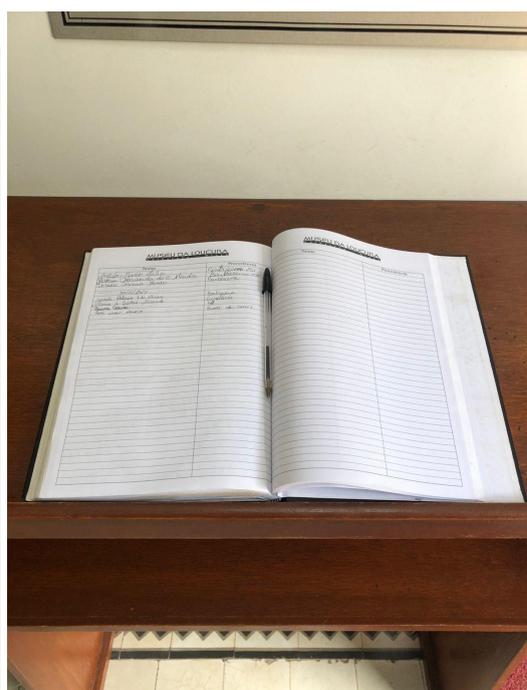
Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Ainda na recepção, há uma placa da inauguração do Museu, no dia 16 de agosto de 1996, ao lado, uma placa em comemoração aos 10 anos de Museu e sua revitalização. Abaixo, outras duas placas de revitalização, a última e maior, informando sobre a reabertura do Museu em maio de 2016 com os nomes dos representantes e responsáveis atualmente. Embaixo das placas, uma mesinha com o livro de visitantes do Museu e uma caneta, se fazem presentes.

Figura 16: Placas no Museu da Loucura

Figura 17: Livro de Visitantes do Museu da Loucura, desde 2020 (esquerda para direita)

Figura 18: Livro de visitantes aberto



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A primeira sala apresenta a proposta de contar a história através de contos, mostrando o antigo sanatório e um dos últimos objetos do local, sendo eles dois talheres com a sigla “SN”.

Figura 19: A cidade dos doidos (esquerda para direita)

Figura 20: Primeira sala de exposição



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Ainda na mesma sala, há uma exposição dos objetos do primeiro diretor do Colônia, Joaquim Dutra. Em seguida, há um espaço destinado à linha do tempo, entre os anos de 1900 a 2015, constatando os fatos históricos desde a criação do hospital e sua condução, até a reabertura do Museu, em 2016, com a readequação da exposição.

Figura 21: Telefone utilizado no Sanatório (esquerda para direita)

Figura 22: Um dos objetos utilizados por Joaquim Dutra



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A segunda sala é composta por objetos dos ex-pacientes, como bonecas e cachimbos, que eles mesmos produziam com os materiais que tinham acesso. Na sala, também estão expostos os uniformes que eram usados por eles, separados pelo sexo feminino e masculino. Mulheres vestiam um vestido e homens vestiam uma camiseta e uma calça, ambos azuis.

Figura 23: Uniforme dos pacientes do Colônia (esquerda para direita)

Figura 24: Objetos dos pacientes, produzidos por eles

Figura 25: Boneco com algemas nos pulsos

Figura 26: Vitrine com os objetos dos pacientes



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

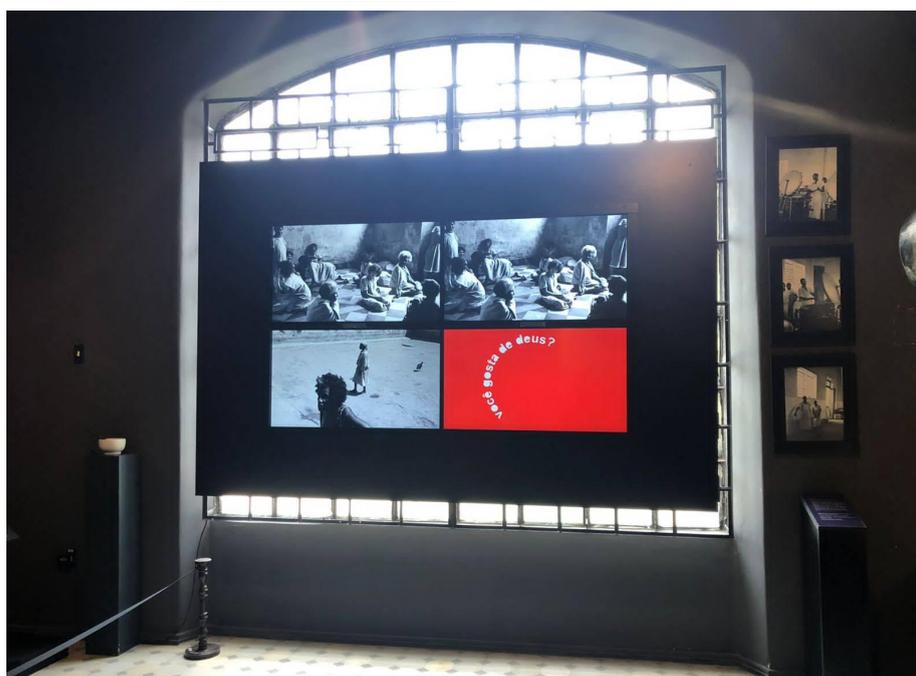
Na terceira sala, a exposição conta com objetos utilizados na cozinha do Hospital Colônia, como panelas. De um lado, algumas fotos mostram os cozinheiros fazendo a comida e do outro lado, os ex-pacientes reunidos em fila ou na mesa para se alimentar. Ademais, no

mesmo ambiente, estão expostos os objetos utilizados para tratamento com eletrochoques, e um grande visor com dizeres sobre “Deus”, “Morte” e “Prisão”, referindo-se ao que muitos pacientes diziam.

Figura 27: Utensílios de cozinha do Colônia (esquerda para direita)

Figura 28: Equipamentos de tratamento com eletrochoque

Figura 29: Tela com dizeres e imagens



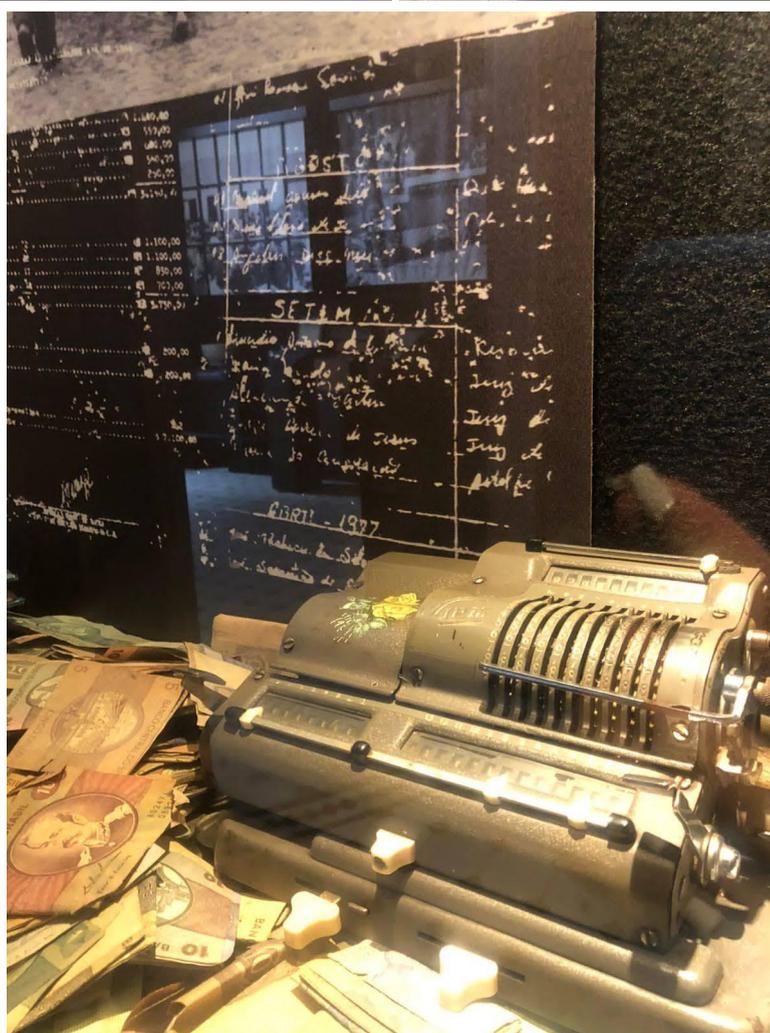
Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Em sua quarta sala de exposição, o Museu conta um pouco de como se deu a venda de cadáveres para as faculdades de medicina, intitulado como “Comércio da Morte”, tendo um crânio, moedas de troca, e demais objetos que remetem a essa fase.

Figura 30: Comércio da Morte (esquerda para direita)

Figura 31: Dizeres sobre a venda de corpos e uma máquina de escrever

Figura 32: Moedas achadas no cofre do Colônia



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Antes da quinta sala, há um corredor com algumas fotos da época do Sanatório de Barbacena, bem como os pavilhões construídos após a inserção do Hospital Colônia. Para além disso, há do outro lado do mesmo corredor, os azulejos utilizados na construção do sanatório, bem como as vidraças do Colônia, onde é possível ver os arames por dentro do vidro.

Figura 33: Corredor do Museu da Loucura



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Figura 34: Azulejos do Sanatório e Vidraças do Hospital Colônia de Barbacena
Figura 35: Imagens do Sanatório e da localidade onde hoje o Museu está instalado



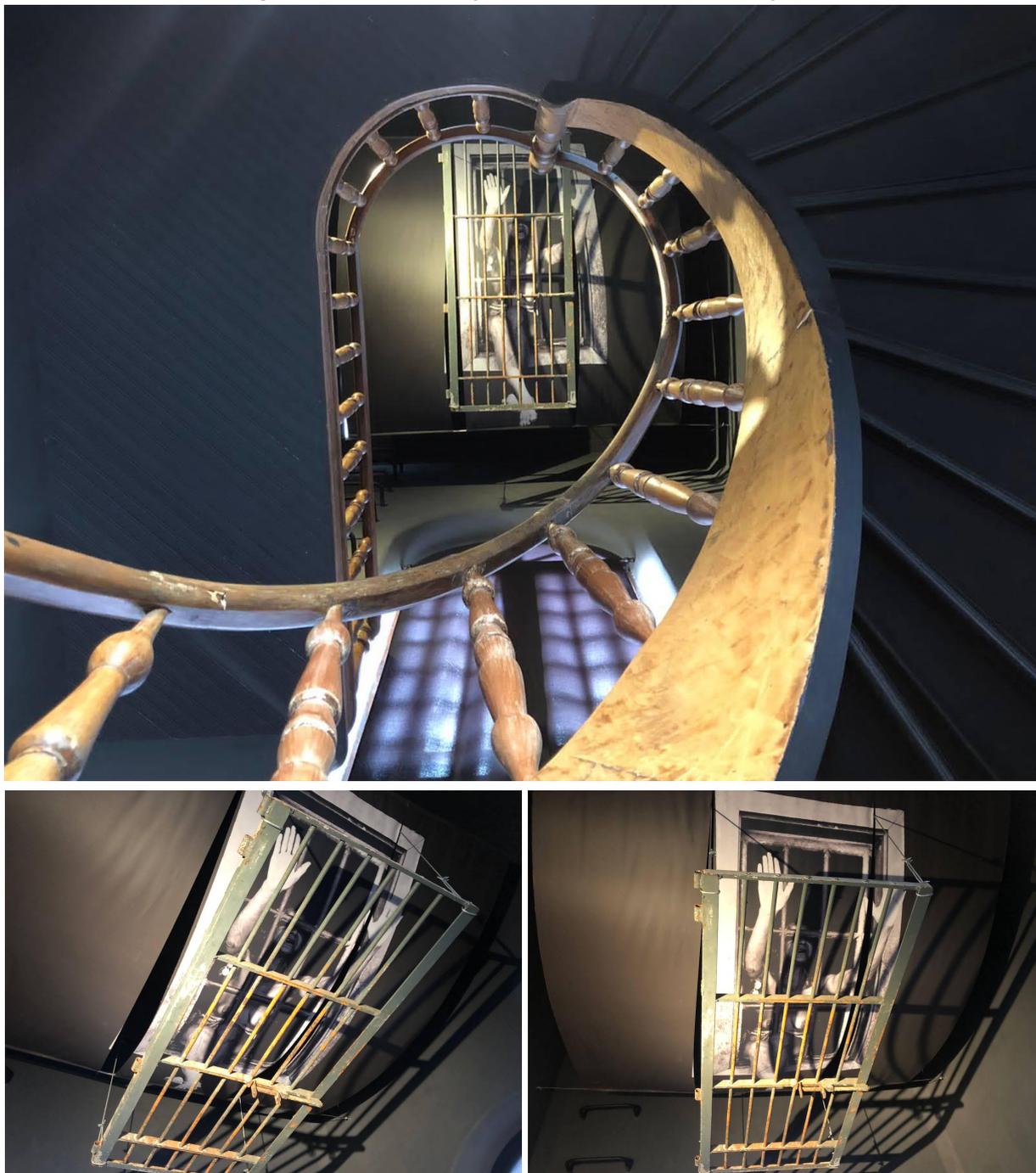
Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Ao subir para a quinta sala de exposição, é possível deparar-se com uma imagem ao fundo da escada, um tanto quanto triste e reflexiva, muito utilizado para de fato, exercitar o pensamento sobre o que foi visto até o momento.

Figura 36: Escadaria para o segundo andar do Museu da Loucura

Figura 37: Ao final da escada, uma imagem e uma grade

Figura 38: Mesma imagem anterior, mas de outro ângulo



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Com isso, a quinta sala é parecida com o corredor do térreo, também conectada em mais ambientes. O primeiro ambiente é exibido uma maquete do Museu, juntamente com algumas

práticas de aprisionamento utilizadas para conter as pessoas com transtornos mentais, chamados de “alienados”. Desta maneira, também é apresentada a sala de lobotomia, que tem como objetivo demonstrar como o tratamento foi aplicado no Colônia, inclusive, dentro da sala, é possível ouvir sons dos batimentos cardíacos do ser humano.

Figura 39: Formas de aprisionamento

Figura 40: Lobotomia

Figura 41: Maquete do Museu, lado de fora



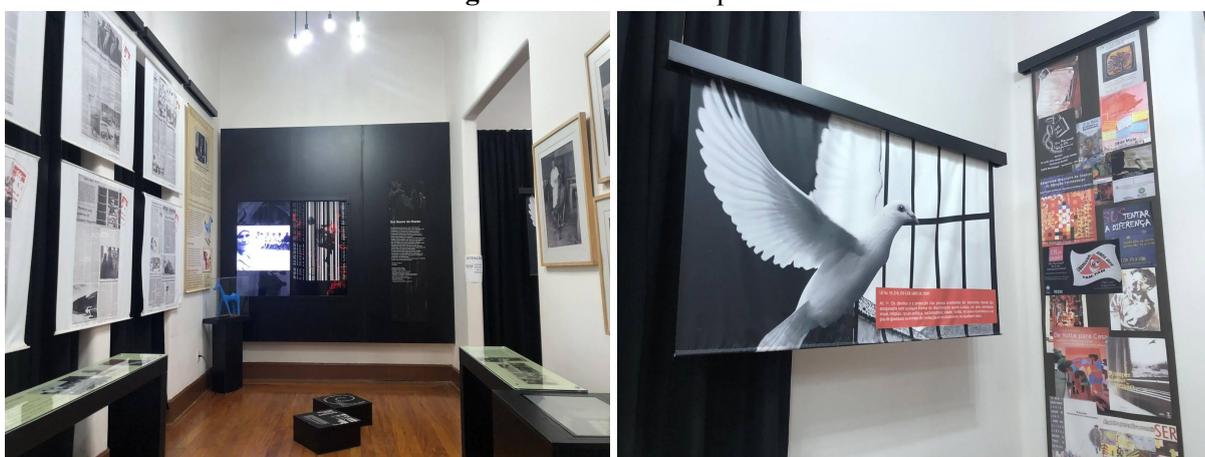
Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Sendo assim, as últimas cinco salas da exposição ficam dispostas bem próximas uma da outra, continuando a linha do tempo apresentada na primeira parte do Museu. Na sexta sala contém arquivos jornalísticos da época denunciando o Colônia e algumas das atrocidades que os jornalistas puderam ver através de fotos reveladoras. Conta também, a história da vinda do psiquiatra Franco Basaglia ao Brasil e o legado que deixou para o Colônia e na luta pela humanização do local. Concomitantemente na sétima sala, a luta antimanicomial se faz presente, respectivamente.

Figura 42: Jornais e literaturas sobre o Colônia

Figura 43: Luta Antimanicomial

Figura 44: Jornais da época

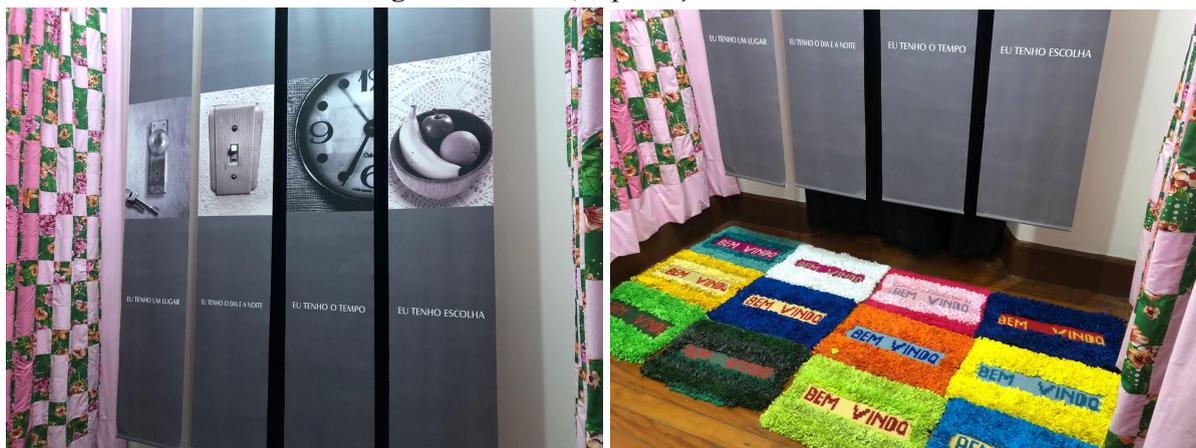


Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Portanto, chegando ao final da exposição, tem-se a oitava, nona e décima sala. Na antepenúltima, a exposição mostra como é importante a reinserção dos ex-pacientes na sociedade, contando um pouco sobre as residências terapêuticas e sobre os pacientes de longa permanência, detalhando como as oficinas os auxiliam em ter essa vivência fora dos muros dos hospitais.

Figura 45: Inserção dos ex-pacientes na sociedade

Figura 46: Cores, esperança e vida nova



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Na penúltima sala ficam expostos os instrumentos utilizados para realizar a lobotomia, uma técnica que era comum na época, para acalmar os pacientes, no entanto, pouco efetiva, pois deixava os pacientes em estado vegetativo. Nos registros do Colônia, essa técnica foi empregada apenas uma vez.

Figura 47: Sala de Lobotomia (esquerda para a direita)

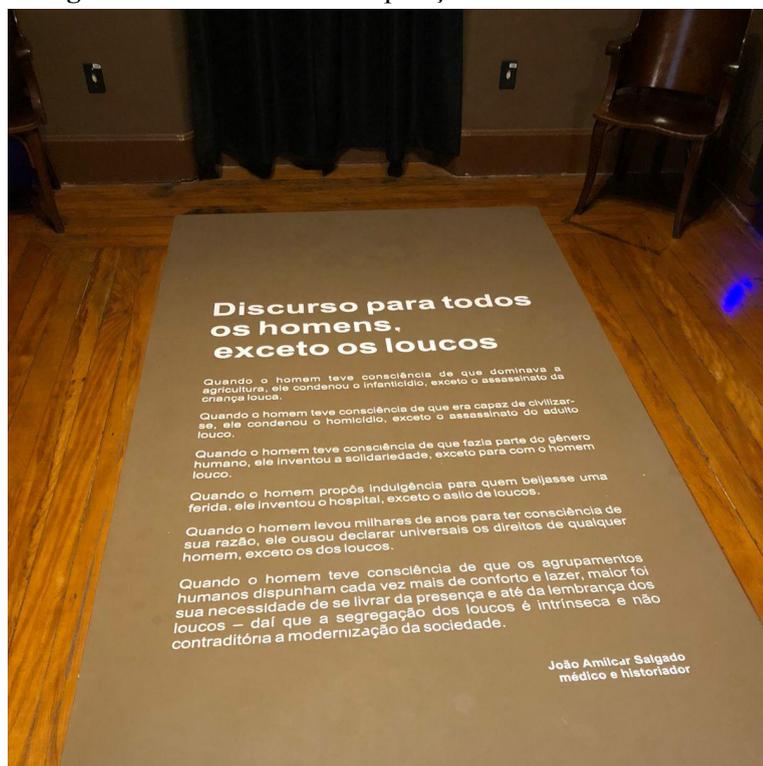
Figura 48: Instrumentos Lobotomia



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Já na última sala é possível ouvir cantos, gritos e choros dos ex-pacientes através de sons por toda a sala. Dessa maneira a exposição é finalizada, com uma mensagem de José Amilcar Salgado, médico e historiador.

Figura 49: Última sala de exposição do Museu da Loucura



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Existe ainda, uma sala como se fosse um auditório, que funciona para passar na televisão documentários que envolvem o Hospital Colônia, por exemplo, o documentário “Em nome da Razão” de Helvécio Raton²⁷, porém, isso só acontece caso o visitante peça para ver.

Neste espaço há quadros por toda a parte, e também, dois armários com materiais de artesanato produzidos pelos ex-pacientes, como panos de prato, presilhas de cabelo em formato de rosa, ímãs de geladeira, tapetes, bolsas, caixinhas de presente, laços e kits perfumados. Todos esses itens ficam à venda, variando entre R\$ 5,00 a R\$ 30,00 e qualquer visitante pode adquiri-los.

²⁷ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-562640/>. Acesso em 02 de dezembro de 2021.

Figura 50: Auditório do Museu da Loucura (esquerda para a direita)

Figura 51: Artesanatos à venda no Museu da Loucura

Figura 52: Um dos quadros expostos no Auditório do Museu da Loucura



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Ao longo de toda a visita guiada, percebe-se a intenção sombria do Museu na primeira parte da exposição, mais especificamente no térreo, com salas escuras, cortinas pretas ou

acinzentadas e poucas cores diferentes dessas. A escada enigmática, que remete ao DNA dos seres humanos e no andar de cima salas mais claras, com o intuito de demonstrar as denúncias da imprensa e a mudança a que o Colônia foi submetido.

Além disso, especialmente na antepenúltima sala, os artesanatos dos próprios ex-pacientes, demonstrando que hoje a vida deles se transformaram, não é mais uma escuridão como antes. No entanto, a última sala volta para a escuridão, demonstrando que ainda há muito a ser feito, para que essa memória nunca deixe de existir e de ser ressignificada.

Em uma breve pesquisa no site TripAdvisor, é possível constatar que entre as 162 avaliações dos visitantes do Museu da Loucura: 90 afirmam ser excelente; 47 muito boa; 13 razoável; 5 ruim e 7 horrível. Dentre os diferentes comentários, os visitantes ressaltam a importância em ter um museu que retrata o ocorrido no HCB e a forma como toda sua exposição foi bem montada, cuidada e respeitada a todo momento.

Já os comentários negativos, são em volta do fechamento do Museu, que ocorreu em meados de 2015 e permaneceu até maio de 2016. Muitos reclamam da falta de informação e do pouco acervo no local de memória.

Contudo, é possível constatar haver uma responsabilidade muito grande em não apagar essa memória, por isso a criação do museu é importante dentro desse contexto da loucura, assim como no contexto Nacional da loucura no Brasil, abordando aspectos necessários para a humanização dessas pessoas.

A visita ao Museu da Loucura possibilita a retomada dessa memória do HCB, através de toda a exposição disponível para o público, considerando aspectos importantes em sua criação, a disposição das salas e também a forma como as informações são repassadas. É possível identificar os elementos do HCB no Museu, por meio dos objetos na exposição, livro de escrita dos visitantes e visita guiada realizada pelos funcionários do local.

3. ASPECTOS MÓRBIDOS DA VISITAÇÃO NO MUSEU DA LOUCURA

No presente capítulo foi abordado como se deu a realização da metodologia de estudo e de que forma foi realizado o trabalho de campo no Museu da Loucura, bem como as entrevistas realizadas no período proposto no cronograma. Apresenta também as análises referentes à percepção da gestão pública e das representações sociais acerca do turismo no Museu da Loucura.

Sendo assim, para atingir os objetivos deste trabalho, a pesquisa foi de cunho descritivo qualitativo e possuiu como base o levantamento bibliográfico de autores da área de Turismo e áreas correlatas, inerentes ao tema, sendo assim, Gil afirma,

O pesquisador não é capaz de ser absolutamente objetivo. Ele tem suas preferências, inclinações, interesses particulares, caprichos, preconceitos, interessa-se por eles e os avalia com base num sistema de valores pessoais. Diferentemente do pesquisador que atua no mundo das coisas físicas. Na verdade, nas ciências sociais, o pesquisador é mais do que um observador objetivo: é um ator envolvido no fenômeno. (2003, p. 24)

Desta maneira, por ser um estudo cultural, Lakatos e Marconi (2003, p.106) reforçam tal fragmento “O método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência hoje em dia, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, temporalmente, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.”

Por isso, as técnicas utilizadas para obtenção de informações são de documentos bibliográficos²⁸, além da pesquisa documental direta, que abrange a pesquisa de campo de cunho exploratório-descritivos, que ainda de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p.187) “São estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas.”

A pesquisa foi dividida em três etapas, a primeira com pesquisa bibliográfica, com análise e revisão de literatura. A segunda etapa envolve o trabalho de campo, visita de modo a reconhecer a cidade de Barbacena e efetivação de contatos para a realização de entrevistas. Por fim, a terceira etapa com a análise e discussão de resultados e conclusão do trabalho.

Percorrendo as etapas propostas, após o estudo do referencial teórico e definição do método a ser utilizado, o trabalho de campo na cidade de Barbacena, no Estado de Minas Gerais, foi essencial para o reconhecimento do local e a possibilidade de amplitude em relação ao tema

²⁸ abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo;

escolhido, principalmente para esclarecer possíveis dúvidas e compreender de fato, o objetivo do estudo.

O trabalho de campo, por sua vez, se deu por meio de um roteiro estruturado para que desse tempo de realizá-lo em um dia, de reconhecer todos os pontos específicos da pesquisa, na cidade. Dessa forma, o campo teve seu início pelo Museu da Loucura e após a visita, foi realizado o reconhecimento da linha de trem e do cemitério “Memorial das Rosas”.

Além disso, foi possível obter contatos de pessoas influentes ligadas diretamente ou indiretamente para a aplicação da entrevista. Lembrando que, as duas entrevistas foram realizadas no período de uma semana de diferença, entre uma e outra. A primeira foi realizada no dia 1 de dezembro de 2021 e a segunda no dia 6 de dezembro de 2021, ambas no período noturno. Os entrevistados assinaram e concordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido.

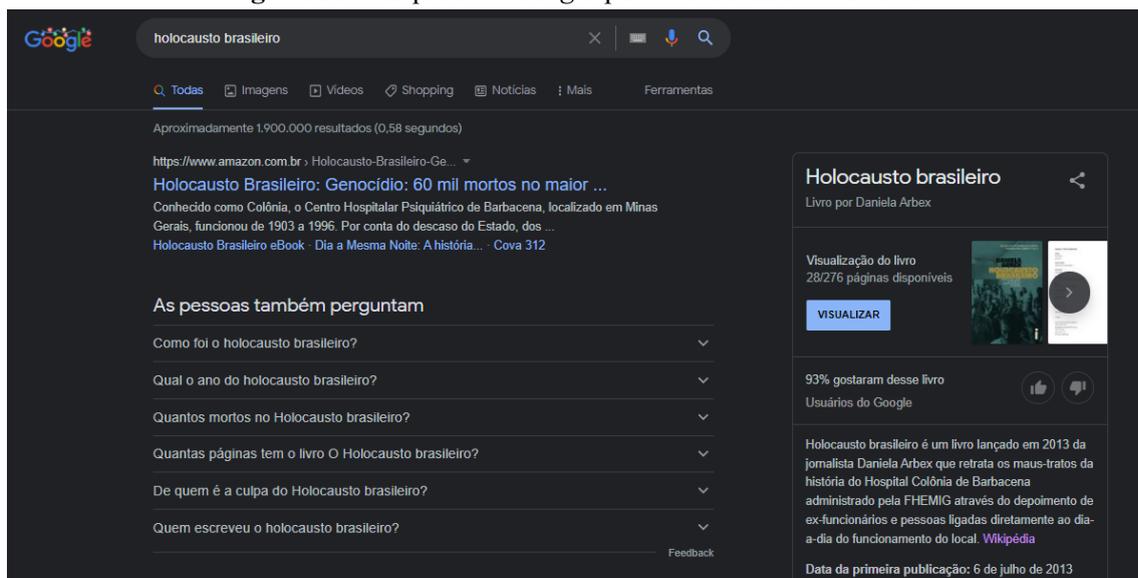
Ambas as etapas propiciaram a compreensão acerca da forma como a memória nos locais é difundida, propagada e valorizada pelo turismo, considerando o estudo realizado anteriormente ao campo.

3.1 A memória do Hospital Colônia no Museu da Loucura

Nas mídias sociais o livro intitulado “Holocausto Brasileiro” da jornalista e escritora Daniela Arbex viralizou em diversos sites, além de ser vendido exemplares desde 2013, ano de seu lançamento. No livro é possível que o leitor tenha conhecimento acerca do trágico acontecimento no HCB, na época administrado pela Fhemig.

A autora se baseia principalmente na fala do psiquiatra Franco Basaglia, que veio ao Brasil e teve a oportunidade de conhecer o Colônia, chamando o local de campo de concentração pela primeira vez. Franco também teve grande participação na reforma da psiquiatria na Itália, virando um símbolo em Barbacena, para haver humanização no tratamento mental.

Figura 53: Pesquisa no *Google* por “Holocausto Brasileiro”



Fonte: *Google*, 2021²⁹

E foi a partir deste livro, que a autora dessa pesquisa interessou-se pela temática, buscando aprimorar seus conhecimentos acerca do assunto, realizando a leitura de referências, assistindo documentários e buscando informações na *internet*. Além disso, a autora já se interessava por histórias de campos de concentração, construídos na Segunda Guerra Mundial, e foi dessa forma, que conseguiu encontrar o livro cujo título remete ao holocausto, palavra usada também fora do Brasil para remeter-se aos ataques contra os judeus.

O trabalho de campo na cidade de Barbacena, no Estado de Minas Gerais, foi realizado no dia 30 de novembro de 2021, no período da manhã e da tarde. A parte da manhã foi disponibilizada para a visita ao Museu da Loucura, com enfoque na exposição, e em possíveis entrevistas com funcionários da Fhemig e demais representantes que pudessem estar no local.

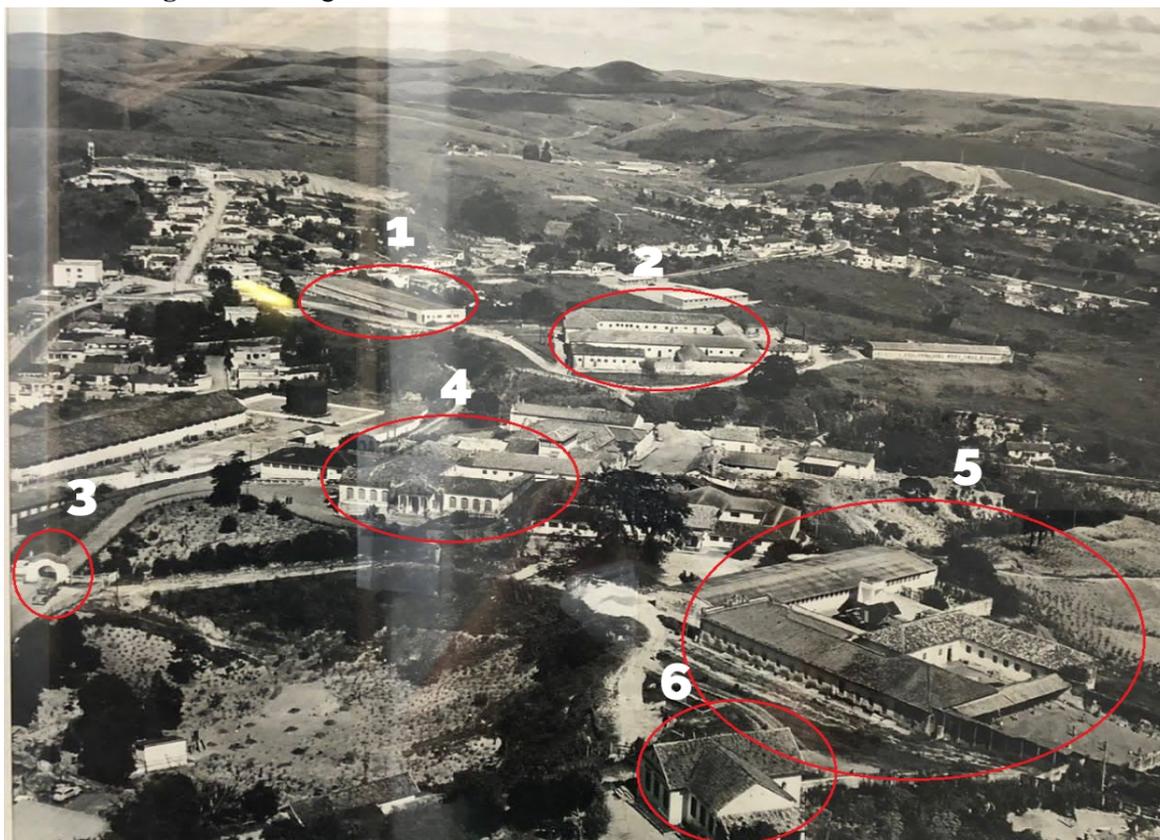
A parte da tarde foi voltada em procurar o órgão público, como a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo e demais representações que pudessem contribuir para tal pesquisa. Além disso, foi realizado o reconhecimento da cidade, bem como o Cemitério onde os corpos dos ex-pacientes eram enterrados, intitulado como “Memorial das Rosas” e da linha do trem.

O trabalho de campo concentrou-se principalmente nessa parte em que mostra a imagem, especialmente no Torreão, onde fica localizado o Museu da Loucura. Nos demais pavilhões, não foi possível o acesso.

²⁹ Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=holocausto+brasileiro&oq=holocausto+brasileiro+&aqs=chrome..69j57j35i39l2j46i512j0i512l2j69i61j69i60.6380j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 4 de dezembro de 2021.

Figura 54: Imagem aérea do local onde está localizado o Museu da Loucura



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Na imagem, podemos ver no fragmento 1: um dos pavilhões do Hospital Colônia; no fragmento 2: também pavilhões que faziam parte do Hospital; fragmento 3: A linha de trem, que levavam as pessoas para serem internadas no Hospital, o famoso “trem de doido”; fragmento 4: o pavilhão principal do Hospital; fragmento 5: últimos pavilhões; e fragmento 6: casa do diretor do hospital naquela época.

Ao chegar no Museu da Loucura, fui recebida pela Coordenação de Pesquisa e Extensão, que gentilmente realizou uma visita guiada por todas as salas, explicando detalhadamente cada objeto da exposição. No entanto, como funcionários da Fhemig, os mesmos não puderam ceder uma entrevista, por terem uma política interna rigorosa em relação a isso. Apesar disso, foi informado nomes de pessoas importantes ligadas diretamente ou indiretamente ao Museu, para eu poder entrar em contato.

Ao longo de todas as falas, percebe-se que a memória que está sendo criada a partir do museu é um tanto quanto desafiadora e ambígua, perante a gestão pública e perante a imprensa, fragmento reforçado por grande parte dos envolvidos no Museu da Loucura, que não acreditam que a palavra “Holocausto” represente o acontecimento no antigo Hospital Colônia.

Talvez seja até por esse motivo que o livro não seja retratado em nenhuma das salas do Museu, nem mesmo na sala voltada para as denúncias da imprensa na época e para os documentários e demais documentos que envolvem o Colônia.

Fato este que me intrigou desde o primeiro momento, visto que, ao ser recebida, notei um leve incômodo quando abordei a questão do Holocausto, palavra notadamente repudiada por boa parte das pessoas que fazem ou já fizeram parte da história do Museu. No entanto, ao explicar minha pesquisa e seu objetivo geral, fui compreendida.

Ao longo da visita, notei que apesar de não esconder a história do local, o museu ainda sim, omite muitas histórias contadas tanto nos documentários disponíveis no *YouTube*, como nos livros publicados, um deles intitulado “Porões da Loucura”.

Algumas dessas questões que senti falta foram a falta de informações acerca das crianças que eram pacientes do Hospital, pois em nenhum momento li ou ouvi a palavra “criança”, isso de fato não está retratado em nenhuma das salas do Museu, nem mesmo mencionada nas diferentes placas informativas ao longo do roteiro.

Outro fragmento relatado principalmente no livro “Holocausto Brasileiro” é sobre as mulheres que tinham relações sexuais com outros pacientes ou eram abusadas pelos médicos e acabavam engravidando. Para onde essas crianças eram enviadas? Qual é o desfecho dessa triste história? O museu não conta as histórias dessas mulheres e dessas vidas geradas dentro do local em nenhum momento!

Em diferentes momentos, a história relatada era normalizada e relativizada, sendo sua justificativa como “modelo que já ocorria em todo o Mundo, e aqui em Barbacena não diferiu, reproduzimos o que já estava encaminhado”.

Já no período da tarde, ao visitar a linha de trem e o cemitério, percebi em ambos, a degradação e falta de cuidado em manter esses locais de memória como algum tipo de atrativo, principalmente por estarem praticamente abandonados, sujos e inapropriados a visitação.

O Cemitério, que a princípio seria um Memorial, permanece trancado de cadeado e em seu local só é possível ver um matagal e milhares de gatos que fizeram do ambiente, sua moradia. As lápides são praticamente inexistentes em meio ao verde. Por sorte, uma moradora me abordou e informou que o local permanece por mais de vinte anos dessa forma, e que antigamente, os pacientes do Colônia eram simplesmente “descartados”, sem nenhum tipo de caixão ou cerimônia. Por isso, os moradores se juntaram e fizeram uma denúncia para que o local fechasse, dado que, havia infestação de mosquitos nas casas ao redor, devido ao fedor dos

corpos sem nenhum tipo de proteção e o mau cheiro que invadia as casas da redondeza. E desde então, o Cemitério permanece dessa forma. Inclusive, há uma placa da Fhemig informando as futuras instalações do “Memorial das Rosas”, bem ao lado do portão principal de acesso ao cemitério, mas que, infelizmente, segue sem intervenções.

Figura 55: Portão de entrada para o Cemitério (esquerda para a direita)

Figura 56: Placa que indica futura instalação do Memorial de Rosas

Figura 57: Lado direito do Cemitério

Figura 58: Lado esquerdo do Cemitério



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Algo parecido acontece na linha do trem, que no que lhe concerne, também encontra-se abandonada, feita de moradia para moradores de rua da cidade. A falta de reforma na construção patrimonial é visível, e entristece ainda mais ao saber que lá abriga a Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo. Nitidamente, é um local abandonado, com poucas lojas em algumas de suas salas.

Figura 59: Prédio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Figura 60: Estação de Trem de Barbacena-MG

Figura 61: Linha do Trem, hoje desativada



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Por isso, o trabalho de campo foi de extrema importância, no sentido de ampliar minha visão perante todos os fatos que estão no livro e os fatos expostos no Museu. E confrontar o que é retratado nas escritas de Daniela Arbex, com a exposição criada permanente para o Museu.

3.2 Percepção da gestão pública e das representações sociais acerca do turismo no Museu da Loucura

A escolha dos participantes se deu a partir dos objetivos do estudo, que buscou compreender como a memória do antigo Hospital Colônia de Barbacena pode ser valorizada através do turismo, no Museu da Loucura. Portanto, a princípio, as entrevistas seriam com a gestão pública e representações sociais que tivessem ligação direta e/ou indireta com o Museu da Loucura.

Quadro 2: Participantes e não-participantes da pesquisa

Setor/Participantes	Convite	Aceite/Recusa	Justificativa
Fhemig (Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais)	ENVIADO	RECUSA	A política de entrevistas da Fhemig em relação a monografias, tcc 's, teses de mestrado e doutorado é rígida, necessita-se passar por diversos pré-requisitos para ser aprovado ou não.
Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura	ENVIADO	RECUSA	Responderam o <i>e-mail</i> dizendo que infelizmente não poderiam me ajudar.
Prefeito Municipal de Barbacena	ENVIADO	SEM RESPOSTA	A assessoria de comunicação respondeu dizendo que entraria em contato através do telefone, mas até o momento isso não ocorreu.
Jornalista e escritora do Livro “Holocausto Brasileiro”	ENVIADO	SEM RESPOSTA	As mensagens foram vistas, porém, sem respostas até o momento.
Responsável pelas casas de apoio aos ex-pacientes do Colônia	ENVIADO	SEM RESPOSTA	-
Responsável pelo Projeto visual e roteiro da exposição permanente	ENVIADO	ACEITE	A entrevista ocorreu no dia 6 de dezembro de 2021, através da Plataforma do <i>Google Meet</i> .
Ex-diretor da Fhemig e idealizador do Festival da Loucura	ENVIADO	ACEITE	A entrevista ocorreu no dia 1 de dezembro de 2021, através da Plataforma do <i>Google Meet</i> .

Fonte: Arquivo de pesquisa, 2021.

Dessa forma, foi possível realizar duas entrevistas, bem esclarecedoras e pertinentes com o objetivo, concomitante com o trabalho de campo realizado e as conversas extraoficiais dentro e fora do Museu.

As entrevistas tiveram em média duas horas e meia, com doze perguntas semiestruturadas, mediadas, gravadas e transcritas pela autora. As doze perguntas tinham relação com o objetivo geral da pesquisa e com os objetivos específicos, considerando o Museu da Loucura como principal fonte de estudo.

Por meio das duas entrevistas realizadas foi possível identificar falas importantes que remetessem ao passado do antigo Colônia, bem como sua gestão ao longo dos anos para tornar-se o que conhecemos hoje como CHPB e em uma de suas partes, o Museu da Loucura. Tal delimitação deve-se ao fato da dificuldade em conseguir entrevistas com a gestão pública, principalmente. E o retorno dos *e-mails* sem sucesso. Os respectivos entrevistados terão seu anonimato garantido durante a pesquisa, portanto os chamaremos Entrevistado A e Entrevistado B ao longo de toda discussão e análise.

A primeira pergunta realizada aos entrevistados A e B, diziam respeito acerca da história do antigo Hospital Colônia, como o mesmo chegou até Barbacena e sua inserção na sociedade naquela época. Decorrente dessa pergunta, os mesmos já iniciaram a fala contando um pouco de como Barbacena era reconhecido como cidade política, além disso, o fato de já ter existido um sanatório no mesmo local onde anos depois foi rebatizado como Hospital Colônia de Barbacena.

Ao responder à pergunta, o entrevistado A afirma:

O hospital foi criado por uma questão política, pois se disputava o governo de Minas, cinco regiões, cinco cidades, vamos supor assim. E Barbacena era uma das cidades candidatas, todavia ao analisar a cidade, percebeu-se que ali não tinha recursos hídricos, e sim apenas o rio das mortes, inclusive com pouca água. Então Barbacena perdeu. Mas como o presidente do estado na época era barbacenense, então o hospital veio como prêmio de consolação. Eu entendo isto. (informação verbal)

O entrevistado A (informação verbal) ainda reforça que: “Então, não tem nada a ver a criação do hospital com o clima da cidade, foi simplesmente por questões políticas e passividade. Foram sendo encaminhados pacientes e foi-se ampliando os pavilhões. A cada demanda ampliava mais. Até que chegou o momento em que não se criou mais”.

O entrevistado B relata:

A própria questão de lidar com a doença mental sempre foi talvez um dos maiores da humanidade, hoje nós entendemos dessa maneira, não é? Como toda doença é complexa e complicada, mas essa tem sempre algo a mais porque elas há muito tempo foram confundidas com coisas espirituais, coisas mágicas, né? A disfunção na mente né? A mente humana que é tão brilhante, tão capaz de fazer tantas coisas, porém quando ela

está em colapso, é muito traumática porque afeta o aspecto do ser humano que é a socialização. (informação verbal)

Por ser considerada uma cidade política naquela época, Barbacena sempre esteve entre duas famílias muito poderosas, Andradas e Bias Fortes, que seguem inclusive a rivalidade até agora. Conforme a revista digital “O Tempo³⁰” (2008),

Historicamente, Andradas e Bias Fortes se completavam na política de Barbacena. Aos Bias Fortes ficava o comando local, enquanto aos Andradas cabiam vãos mais altos. Com a Revolução de 1930, a Aliança Liberal, de Getúlio Vargas, colocou-os em lados opostos. Os Bias mantiveram-se fiéis ao governo de Washington Luís e os Andradas se uniram a Vargas. Nascia uma rivalidade histórica de luta pelo poder que marcaria a "cidade das rosas", como Barbacena é conhecida, e entraria para o folclore popular. (2008, n.p.)

Desta maneira, foram várias sucessões de acontecimentos políticos que colocaram Barbacena no caminho do Hospital Colônia, levando para a cidade, os malefícios e os benefícios de se ter um local para abrigar os “alienados³¹”. Malefícios no sentido de toda a tragédia que marcou a cidade e benefícios no sentido de capital financeiro que a cidade recebia por cada paciente internado no local.

A segunda pergunta vai ao encontro da ideia de transformar o antigo Hospital Colônia em Museu, além disso, de que modo foi a construção do nome ao que conhecemos hoje como Museu da Loucura, portanto, os dois entrevistados responderam de forma bem objetiva, demonstrando realmente saber a história daquele local.

O entrevistado A (informação verbal), declara: “O museu nasce não substituindo o hospital, mas para incorporar ao hospital a sua história, contar a sua história. Pois, era necessário não só os funcionários conhecerem a história, mas a comunidade também e as pessoas que nos visitavam. Nós abrimos muito o hospital para qualquer segmento”.

O entrevistado B (informação verbal) argumenta: “[...] o Museu da Loucura começou muito antes, talvez uns vinte anos antes da sua concretização e o primeiro entendimento é de que era necessário guardar essa história, ela precisava permanecer visível para que os agentes transformadores soubessem que aquilo aconteceu, que não era lenda e que não podia se repetir.”

Conseqüentemente, as duas respostas são congruentes ao objetivo principal do Museu que é ser um espaço que ressignifique e resgate a memória do primeiro Hospital Psiquiátrico de

³⁰ Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/politica/familias-andrada-e-bias-fortes-mantem-tradicao-de-disputa-1.260304>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

³¹ Como as pessoas com doenças mentais eram chamadas naquela época.

Minas Gerais. Fragmento reforçado no site Guia das Artes³² (sem ano), no trecho “O Museu da Loucura serve de elo entre a instituição e a sociedade, e tem a expectativa de proporcionar a quebra do estigma contra o portador de sofrimento mental, despertando reflexões sobre as fronteiras entre a loucura e a razão”.

Portanto, na terceira pergunta indaga-se de que forma o turismo mórbido está presente no Museu, e se os entrevistados consideram-no como um atrativo mórbido, considerando o conceito de Stone (2006, p.146) “o ato de viajar para locais associados à morte, ao sofrimento e ao aparentemente macabro”. O entrevistado A declara não concordar, já o entrevistado B concorda em partes sobre o conceito, como é possível analisar através das respostas.

Em sua fala, o entrevistado A (informação verbal) relata: “Não, eu acredito ser História né? É uma história que você conta porque a loucura é o que existia ali, ela não foi produzida, determinada, ela aconteceu historicamente.” No entanto, o entrevistado B (informação verbal) afirma: “É uma experiência forte para algumas pessoas, é uma experiência para alguns e para outros talvez histórica, não sei. E para outros é mórbido também. Tem gente que pode ir lá procurar ver coisas aterrorizantes, porque é tudo isso num lugar só.”

Dessa forma, Eiras (2021, p.12 *apud* Sharpley 2009) afirma que “as pesquisas sobre esse tema ainda não obtiveram respostas a respeito das implicações éticas e gerenciais ao classificar uma atração turística como "sombria", além de ressaltar a importância de haver uma compreensão mais abrangente desta área nos contextos social, histórico, político e cultural”.

Portanto, é compreensível entender a resposta dos entrevistados, visto que para denominar um espaço como parte do turismo mórbido, é necessário verificar todos os aspectos relacionados ao mesmo, bem como o objetivo geral de sua criação, que segundo o Entrevistado B (informação verbal): “o Museu da Loucura não foi criado para isso, ele foi criado em um projeto que nós tínhamos na Fundação Municipal de Cultura, o projeto Memória Viva, porque nós tínhamos realmente uma preocupação turística com a cidade de Barbacena”.

Desse modo, é possível considerar o contexto da morbidez no Museu da Loucura, por se enquadrar nas terminologias que definem o Turismo Mórbido, no entanto, por outro lado, dependerá da vivência de cada indivíduo definir em sua concepção o que mais lhe cabe, exatamente como mencionado por Eiras (2021, p.12) “[...] o turismo sombrio pode ser mais bem compreendido por meio da experiência vivida como pilar do comportamento humano”.

³² Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/ceara/fortaleza/museu-da-loucura>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

Dessa maneira, na quarta pergunta busca-se compreender, na opinião do entrevistado, como o mesmo reconhece a cidade de Barbacena: por cidade das rosas, por cidade dos loucos ou pelos dois. Entendendo de que forma o leva a acreditar nisso. Sendo assim, os dois entrevistados dissertam sobre de forma bem próxima da resposta uma do outro.

O entrevistado A (informação verbal) diz: “Eu suponho que fora ela é mais cidade dos loucos. Ela deixou de ser dos loucos, né? Mas sempre vai ter esses dois tipos de cidade. E acredito que os dois estão recuando. Hoje a Rosa não é divulgada como era, não se tem mais a festa das rosas como no passado.” Além disso, ele completa: “[...] a loucura, foi uma página negativa, ninguém gosta muito de lembrar, inclusive tinha um colunista da cidade, que dizia que na época Barbacena tinha sessenta mil habitantes, trinta mil estavam no hospital e trinta aguardando ser internado, de forma lúdica, né?”

No entanto, o entrevistado B declara:

[...] isso é um viés da história e de certa forma até tentando apagar o outro que é anterior e mais forte, que era realmente a cidade dos doidos. Não que a cidade dos doidos fosse vendida como um atrativo, mas é uma marca que todo mundo conhecia, não tinha jeito. Então, uma coisa que tentou neutralizar a outra acabou agregando. Então na visão de hoje, eu suponho que o barbacenense vê com naturalidade se você falar-lhe que aqui é a cidade dos doidos e das rosas. (informação verbal)

Realmente é perceptível como Barbacena tenta em vários momentos ressignificar a marca de “Cidade dos Loucos”, fragmento reforçado por turistas, mídias sociais e em território nacional. Porém, é algo enraizado desde quando o HCB foi divulgado Brasil afora, a começar pelo jornal “O Cruzeiro” quando teve fotos do local divulgadas por toda a cidade e posteriormente em jornais de todo o País.

Fotos essas, tiradas pelo fotógrafo Luiz Alfredo em 1961, repórter do então jornal, ficou pasmo ao ver todas aquelas pessoas em um estado desumano de sobrevivência, e suas fotos retratam exatamente o que era aquele espaço: o retrato de uma sociedade completamente esquecida e maltratada, às margens da morte, do descuido, da falta de humanização e no pior estado em que um ser humano poderia ser visto.

Figura 62: Pacientes do Hospital Colônia em 1961
Figura 63: Pacientes crianças no Hospital Colônia em 1961



Fonte: Jornal eletrônico Vice³³

Sendo assim, mudar essa visão sobre a cidade é algo quase que inalcançável, porém, é possível alterar a forma como a cidade é vista perante as ações utilizadas para transformar algo de ruim, em memória para a posteridade não repetir os mesmos erros, afinal, locais de memórias possuem justamente esse objetivo.

Dando continuidade, a quinta pergunta aborda o processo de ressignificação do acontecimento no Colônia, como um paralelo com as duas primeiras perguntas realizadas. Os entrevistados pontuaram as políticas sociais daquela época, meados de 1930 e toda a

³³ Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/ezgpmj/o-luiz-alfredo-fotografou-o-holocausto-brasileiro>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

precariedade em obter exames, laudos médicos, entre outros documentos necessários para o diagnóstico daquela pessoa com algum tipo de doença mental.

O entrevistado A (informação verbal) comenta: “[...] tiveram épocas de altos e baixos, e nós estamos vivendo desde setenta e nove, em uma época em que só está havendo mudanças, não permitindo repetir o modelo de antes. Agora as condições que você tem são outras. As condições sociais são outras, as condições assistenciais são outras, a própria loucura é outra”.

O entrevistado B (informação verbal) esclarece: “A ressignificação é exatamente isso, o museu é a “vitrine” dessa busca de reconhecer o passado e transformá-lo, porque a psiquiatria em Barbacena não ficou só remoendo os erros, ela tem uma história de transformação tão importante quanto”.

E realmente, a cidade de Barbacena transformou a história na psiquiatria principalmente com a criação de diversos cursos de referência na área, e ainda na época do Colônia “[...] outros hospitais psiquiátricos particulares foram abertos na cidade, fazendo com que a mesma se tornasse referência em tratamento mental devido ao alto número de instituições” (FULLIN, 2018, p.22).

A sexta pergunta também faz uma conexão com a anterior, sendo possível obter duas respostas bem concretas acerca do turismo mórbido no Museu da Loucura, assim como a visão dos dois entrevistados bem ampla em relação ao segmento.

O entrevistado A (informação verbal) descreve: “Tudo depende dos olhos de quem vê, se você chegar ali e quiser ver sofrimento, você vai associar ao mórbido. Se você quiser ver a história, de como as coisas aconteceram, você vai ver isso de uma forma direcionada. Eu vejo omissão, falta de recursos, cultura, interesses”.

O entrevistado B (informação verbal) pontua: “[...] ele vai ser mórbido a partir do momento que for vendido desta maneira. É lógico, eu vou repetir o que eu já disse, ele tem um componente mórbido? Tem, porque é um hospício, tem mortes, mas ele precisa necessariamente ser vendido como tal? Não!”

E pontua novamente essa questão: “[...] eu nunca vi em Barbacena, ninguém vendendo um bonequinho de doido ou sanduíche, até pode ter um nome engraçado, alguma coisa assim. Mas não passa disso. A morbidez pode estar na expectativa errada que eventualmente possa ser vendida para alguém que saia de algum lugar para visitar Barbacena para ver isso”.

De fato, não há turistificação em cima do Museu da Loucura, como venda de *souvenirs* e venda de ingressos, acredito que por estar dentro de um complexo hospitalar e por boa parte dos

anos, ser alvo de críticas, profunda tristeza e vergonha, a turistificação nesse sentido seria prejudicial ao ponto de haver ainda mais problemas no contexto da saúde mental.

No entanto, o turismo proporciona movimentação econômica na cidade no ramo hoteleiro e alimentício, pois diversos turistas de diferentes Estados visitam diariamente o Museu, o principal da cidade.

Para além, algumas ações do próprio Museu foram tomando forma e atraindo turistas de diferentes cidades e também os moradores, como a placa na BR-040, a criação do Festival da Loucura e a inserção dos ex-internos na sociedade através das residências terapêuticas.

Na proposta da sétima pergunta, a ideia era de identificar quais mudanças houveram no turismo na cidade de Barbacena, após a inserção do Museu da Loucura, considerando o processo de pertencimento dos barbacenenses ao local de memória.

O entrevistado A declara:

[...] é o museu mais visitado, não só pelos que procuram o museu especificamente, mas também pela própria comunidade. Agora, ele não tem nenhum veículo de divulgação, de propagação que mostre que em Barbacena, tem o Museu da Loucura. Isso não existe, não tem, eles não trabalham, ou seja, quem deveria trabalhar seria a Secretaria de Cultura, mas não trabalha o produto. [...] não tem como saber se o turismo, através do museu deu aquele *boom*, né? Por conta disso, eu penso que o museu trouxe um turismo, muita gente de fora, mesmo sem a placa na BR. (informação verbal)

O entrevistado B (informação verbal) retrata: “[...] é o museu mais visitado da cidade, sem dúvida nenhuma, por várias razões e de fato ele faz a diferença sim, ele é um atrativo na minha visão, muito bom, apesar de que eu sei que existe uma parte da população que o renega por várias razões, desde razões ideológicas até razões religiosas”.

Indo ao encontro da pergunta anterior, essa também faz uma ponte com as proporções que o Museu obteve desde 1996, com sua inauguração e resistência até os dias de hoje, permanecendo no mesmo local e atraindo mais de 183 mil visitantes, conforme o G1³⁴ (2019) “Desde a inauguração - em agosto de 1996 - até 13 de maio deste ano (2019), foram 183.584 visitantes”.

Dados bons para um Museu que não possui nenhum tipo de rede social, *website* ou meios de comunicação, a não ser o telefone. A gestão pública, no que lhe concerne, também não se importa em divulgar sobre, tanto no site oficial da Prefeitura de Barbacena como em suas mídias sociais. Arrisco-me a dizer inclusive, que não há apenas divulgação, mas também falta de

³⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2019/05/19/tres-anos-apos-reabertura-mais-de-52-mil-pessoas-visitam-o-museu-da-loucura-em-barbacena.ghtml>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

informação sobre o local por parte dos próprios funcionários públicos da cidade, que atuam diretamente na Secretaria de Turismo.

Ao chegar na oitava pergunta, nos deparamos com a visão do local de memória, pontuando seus aspectos positivos e negativos, segundo a opinião dos entrevistados.

O entrevistado A considera tais aspectos negativos e positivos, respectivamente:

[...] o aspecto negativo que eu vejo é que eles mudaram um pouquinho, ou seja, quando eu falo dessa intervenção política, eu percebo que eles mudaram uma das salas do Museu, que hoje é sobre a luta antimanicomial. Então, a luta antimanicomial vem da direção do hospital que permitiu que se fizesse esse discurso. Eu não considero luta antimanicomial história da psiquiatria, é um movimento recente. E como eu te disse, com um viés político e ideológico. (informação verbal)

[...] o positivo é estar inserido na clínica médica, quer queira, quer não. E isso é simbólico. Por que ele está ali no meio de um hospital de clínica médica? Era minha perseguição de que o paciente psiquiátrico fosse também tratado neste projeto que ele cedeu, que eu criei, entendeu? E foi tão importante, mas que teve resistência, ainda tem resistência, né? (informação verbal)

Já o entrevistado B pontua respectivamente os pontos positivos e negativos:

Os pontos positivos na minha opinião são realmente a forma como o tema é abordado, se você chega lá com uma visão preconceituosa, pouco benevolente ou acreditando que vai ver sangue jogado nas paredes, não é isso que se vê depois que sai, né? Porque aí está todo o contexto dado ali pelo acervo, pelas próprias pessoas que recebem o visitante. Eu penso que ele ajudou muito a própria instituição, o centro hospitalar psiquiátrico e agora hospital regional a preservar a sua própria configuração arquitetônica porque senão haveria uma tendência muito grande daquilo ser demolido e prédios modernos serem construídos no lugar para fazer a mesma coisa que fazem hoje. (informação verbal)

O ponto negativo é a tendência que pode haver de se vender de forma equivocada essa intenção que o museu tem isso é um risco. Eu não sei se vai ter alguém ou uma excursão para ir até Barbacena mostrar os horrores do hospital e vender isso pras pessoas. (informação verbal)

Aproveito essa questão para acrescentar os pontos positivos e negativos que pude perceber na experiência em visitar o museu, sendo eles respectivamente: a receptividade dos funcionários da Fhemig, junto da visita guiada que facilitou imensamente o entendimento acerca da exposição; disposição dos objetos ao longo das salas expositivas e como a linha do tempo é presente em todos os momentos; a dificuldade em ter alguma informação concreta sobre alguns acontecimentos retratados no livro “Holocausto Brasileiro”, mas que não estão no Museu; Falta de informações na *internet*;

A nona pergunta desrespeita às ações que a gestão pública realiza ou não, para auxiliar na conscientização dos turistas perante o Museu da Loucura. O Entrevistado A soube responder a

respeito da pergunta, porém, o Entrevistado B não soube dizer muito bem sobre o que a gestão pública está realizando atualmente, em relação ao Museu da Loucura.

O Entrevistado A (informação verbal) garante: “As ações que eles poderiam realizar seriam as divulgações. Dos Festivais, principalmente. Realizar uma promoção mais intensa de atividades voltada para alunos, propor mesas redondas, mas isso não acontece. Isso é trabalho, faz parte do contexto. Essa é a impressão que eu tenho”.

Já o Entrevistado B, relata:

[...] eu atualmente não vou saber te responder porque como você sabe eu participei da construção da estrutura da exposição permanente, mas não tenho nenhuma governança e nenhum conhecimento de como hoje as pessoas que estão lá e que recebem os visitantes repassam essas informações. Eu imagino que por estarem todos vinculados a Fundação Hospitalar de Minas Gerais, as informações sejam de caráter científico, feito de forma muito honesta sem nada que não seja o que a história conta. (informação verbal)

Por ter dificuldade em aplicar a pesquisa com os gestores da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, sinto quase o mesmo sentimento que o Entrevistado A. De fato, não entendo a desmotivação de uma secretaria de Turismo em auxiliar um dos Museus da cidade, que dizem respeito ao trabalho que deveria ser desenvolvido pelos mesmos. É uma incógnita que infelizmente não consegui responder ao longo do trabalho, mas que ainda sim, é um dos dados.

A décima pergunta considera quais mudanças foram significativas no turismo após a abertura do Museu em 1996, e também em sua reabertura em 2016. Respostas bem diferentes foram dadas pelos entrevistados, abordando possíveis estratégias no turismo e a problemática em não ter uma gestão pública tão presente como ideal.

O Entrevistado A (informação verbal) argumenta: “Olha, eu posso dizer-te que é o museu mais visitado. Não só pela presença das pessoas, mas sim, pelos depoimentos que as pessoas deixam lá. Inclusive depoimentos de pessoas muito importantes que nós até assustamos. Então tem um alto poder político”.

O Entrevistado B (informação verbal) afirma: “Eu não sei se eles têm uma métrica para esse tipo de impacto e se eles têm alguma estratégia que considere o que o Museu da Loucura consegue atrair nesse aspecto de indústria turística”.

Realmente não foi possível saber sobre essa questão mais a fundo, pois, assim como um dos entrevistados, também não tive contato com a atual gestão, mas de qualquer forma, isso também já é uma resposta. O ideal realmente seria ter um parâmetro de quando o museu abriu suas portas, até o momento, contabilizando suas visitas diariamente, mensalmente e anualmente,

propiciando assim, uma maior valorização do turismo e indagando possíveis ações para turistificar ainda mais o local.

Na penúltima pergunta, é possível compreender a partir da visão dos entrevistados, como eles enxergam a conexão passado, presente e futuro na proposta principal do Museu da Loucura.

O Entrevistado A pontua:

Ora eu sempre acredito que hora ou outra as coisas se modificam, as coisas andam. As coisas não são estáticas, né? Precisamos estar sempre vigilantes para não deixar andar para trás. E sempre tentando contribuir, forçando para se andar para frente. Então essa loucura para nós aqui é um passado, mas ele é estranho. É o passado da minha história. Alemanha, por exemplo, não nega o holocausto, pelo contrário, eles possuem tudo muito bem conservado, ou seja, esse é o exemplo que devemos seguir. (informação verbal)

O Entrevistado B assegura:

O museu é exatamente esse portal, né? Ele consegue ser o local onde você vai entrar, vai ter uma compreensão mais próxima da realidade do que é estudo, né? Nem para mais, nem para menos, ou seja, ele não alivia nada do que se sabe da história, e também não deixa nada além do que tá contando ou registrado na história, seja levado para frente. E, em simultâneo, ele tem esse compromisso, porque o que é o futuro? O futuro é realmente uma sociedade que entenda os fatos mostrados ali e possa ter uma resposta mais positiva em relação à doença mental, ou doenças que afetam a sociabilidade das pessoas. Então eu penso que ele cumpre esse papel de ser portal de tempo, né? Entre o que aconteceu, o que é hoje e o que pode vir pela frente. (informação verbal)

É interessantíssimo fazer esse recorte nas falas dos entrevistados e notar que ambos possuem o mesmo sentimento de se sentir pertencentes ao acontecimento no HCB e no processo de expor isso no Museu da Loucura, considerando as informações chocantes que ali estão, mas sempre pontuando o quão relevante essas informações são primordiais para o processo de ressignificação do espaço.

Na última pergunta, os entrevistados pontuam em uma frase ou em uma palavra o que o Museu representa para eles.

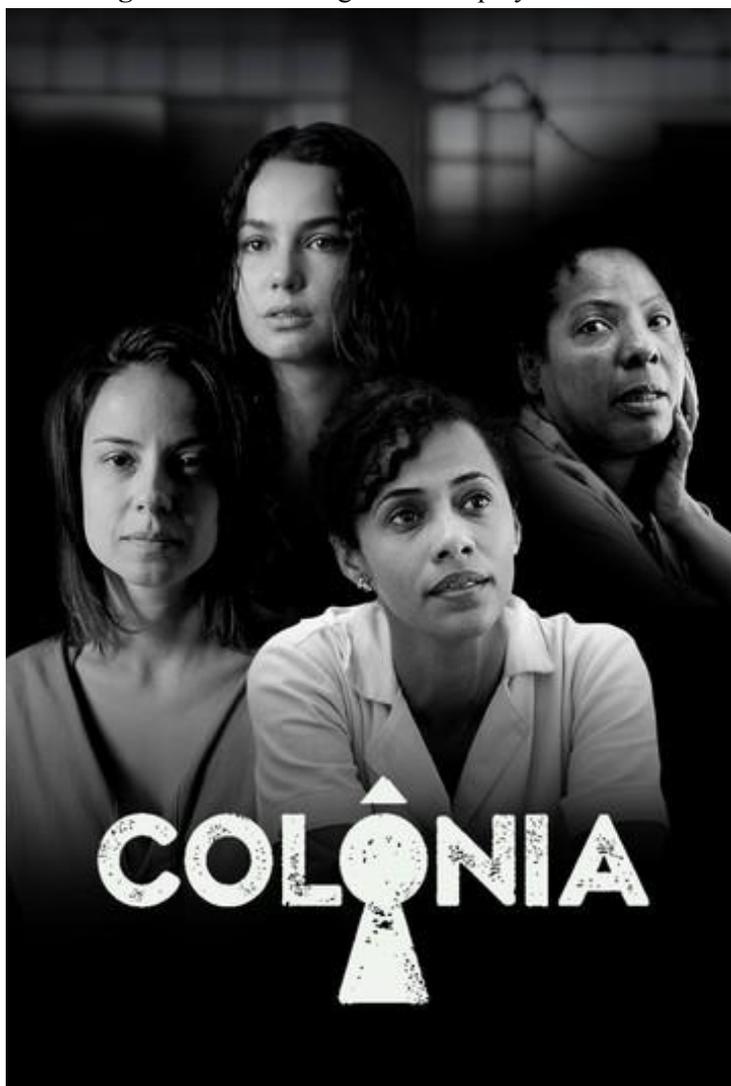
O Entrevistado A (informação verbal) relata: “Coragem de um grupo de pessoas, me reporto aos colegas da antiga FUNDAC. No meu tempo nós éramos abertos ao público em todos os momentos. A meu ver, foi um grande desafio, na minha vida de fazer e mostrar essa história. E sempre no sentido de mostrar que história não se põe debaixo do tapete, história se conta, né?”

O Entrevistado B (informação verbal) afirma: “Consciência dentro da inconsciência, né? Porque a inconsciência da doença mental em si e a inconsciência da sociedade que nem sempre consegue fazer uma análise um pouco mais profunda do que isso tudo significa”.

Entende-se que a memória do Museu da Loucura é presente na cidade, ainda que, alguns barbacenenses não considerem algo bom para uma cidade ser reconhecida, mas é algo mínimo perante o que ocorria no passado. A loucura faz parte da vida dessa sociedade, e não apagar ou esconder o que de fato aconteceu é uma forma de demonstrar respeito e humanização para com essas pessoas que vivenciaram isso, principalmente os ex-pacientes.

Outros fatos que impactam ainda mais nessa história, é o poder das mídias sociais e da imprensa, que hoje, já é responsável por inúmeros conteúdos sobre o Colônia e sobre o Museu da Loucura, alguns exemplos são:

Figura 64: Série Original Globoplay “Colônia”



Fonte: Adoro Cinema³⁵

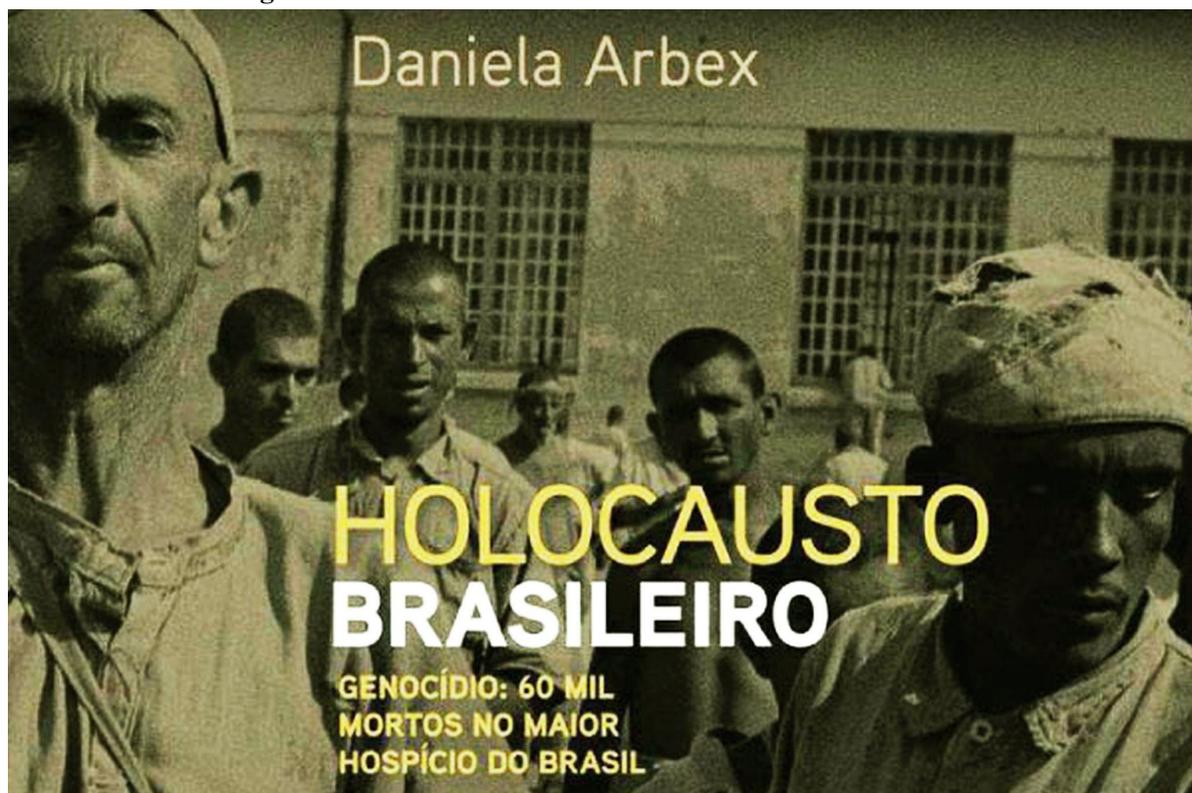
³⁵ Disponível em: <https://www.adorocinema.com/series/serie-29586/>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

Figura 65: Documentário “Dos Loucos e das Rosas” no Youtube



Fonte: Youtube³⁶

Figura 66: Documentário “Holocausto Brasileiro” no Youtube



Fonte: Youtube³⁷

³⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2aiojO9EpbM&t=1242s>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

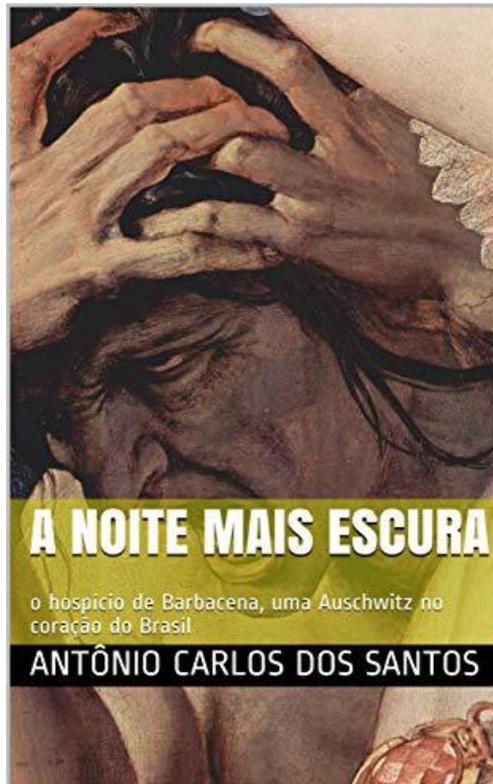
³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5eAjskaa-do&t=2092s>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

Figura 67: Documentário “Cidade Dos Loucos: O Mapa Dos Esquecidos” no Youtube



Fonte: Youtube³⁸

Figura 68: Livro “A noite mais escura: o hospício de Barbacena, uma Auschwitz no coração do Brasil”



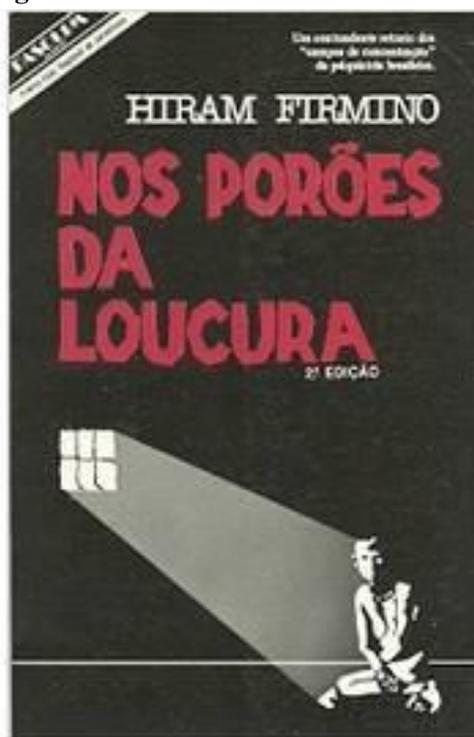
Fonte: Amazon³⁹

³⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=09UyeTUmfKc>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

³⁹ Disponível em:

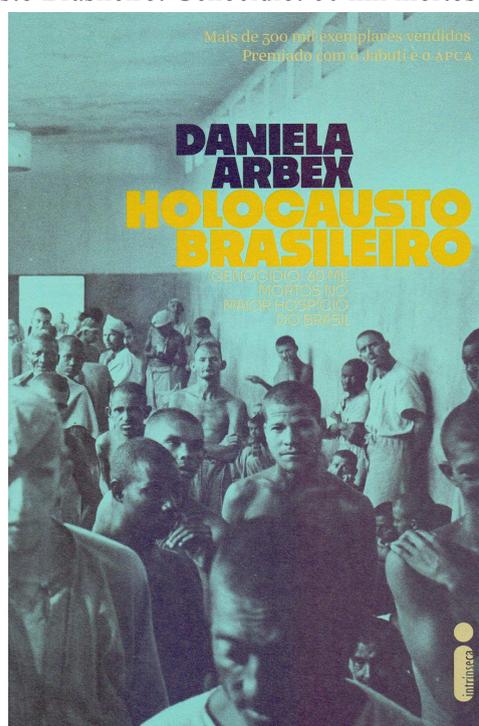
<https://www.amazon.com.br/noite-mais-escura-Barbacena-ThM-Theater-ebook/dp/B07RYZ4KCV>. Acesso em 9 de dezembro de 2021.

Figura 69: Livro “Nos Porões da Loucura”



Fonte: Amazon⁴⁰

Figura 70: Livro “Holocausto Brasileiro: Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil”



Fonte: Amazon⁴¹

⁴⁰ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Nos-Por%C3%B5es-Loucura-Hiram-Firmino/dp/8564748010>.

Acesso em 9 de dezembro de 2021.

⁴¹ Disponível em:

<https://www.amazon.com.br/Holocausto-Brasileiro-Genoc%C3%ADdio-mortos-hosp%C3%AAdcio/dp/8551004638>.

Acesso em 9 de dezembro de 2021.

Sendo assim, é possível compreender como a memória do Hospital é divulgada e lembrada por parte da sociedade brasileira, considerando as inúmeras publicações sobre o tema, notícias, livros e documentários disponíveis na *internet*. Isso é de extrema relevância, pois é uma das histórias mais tristes do Brasil e lembrar o significado, importância e a conscientização desse acontecimento não é uma opção, mas sim, um dever de todos nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa foi possível identificar de que maneira o reconhecimento do local mórbido, no caso, o Museu da Loucura, trabalha em sua turistificação. Notadamente, é algo que necessita de mais recursos financeiros e recursos tecnológicos, além do auxílio da gestão pública, por exemplo, a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo. Além disso, as mídias sociais, como, por exemplo, o *Instagram*, *Website* e *WhatsApp*, facilitariam na divulgação de informações, e com essas ferramentas iniciais, seria possível obter um maior retorno de turistas, afinal, o Museu oferece uma exposição completamente gratuita e de qualidade. Infelizmente, eles não possuem nenhum desses meios de comunicação.

As formas de divulgação principalmente do HCB e do Museu da Loucura, são basicamente por alguns documentários, como: “Holocausto Brasileiro”, “Em nome da Razão” e “Das Rosas e dos Loucos”. A literatura também é um veículo importante de denúncia e divulgação do trágico acontecimento, como é descrito nos livros: “Nos Porões da Loucura”; “Holocausto Brasileiro” e “Sucursal do Inferno”.

Na visita realizada ficou evidenciado que o Turismo cultural sob o enfoque do mórbido como segmento turístico no atrativo é parcialmente aceita, considerando as características da morbidez e por ser um local de uma tragédia. No entanto, é perceptível a não-conhecimento sobre a prática do Turismo Mórbido, bem como o Cultural. Portanto, é necessário um maior aprofundamento dos funcionários do Museu para de fato, compreenderem como esse elemento está presente no local de memória.

Ao observar a cidade de Barbacena como cenário da loucura e cenário turístico, pude identificar ser uma cidade histórica rica em tradições, festividades e atrativos turísticos, mas que é pouco divulgada e explorada, justamente pela falta de informações sobre esses locais. A loucura, certamente, é o segmento em que mais atrai públicos externos, mas ainda sim, de forma limitada, pois não há nenhum roteiro específico que dê oportunidade ao turista de reconhecer outros locais associados ao HCB.

Quanto às representações sociais entrevistadas, os mesmos auxiliavam no turismo no Museu da Loucura, porém, por não serem do quadro efetivo de funcionários, relativamente o auxílio é escasso atualmente.

Outro fator observado ao longo da pesquisa, é o nome "Holocausto" não ser bem recebido e reconhecido para caracterizar os acontecimentos no antigo Hospital Colônia. Grande parte das pessoas ligadas ao Hospital e ao Museu da Loucura, não estão convictas que essa maneira seja a mais apropriada ao se referir ao local. Mas que, ainda sim, foi reforçado como nome do famoso livro "Holocausto Brasileiro", da escritora e jornalista Daniela Arbex.

No entanto, tal livro apesar de ser bem recebido pela crítica e ter a venda de milhares de exemplares até os dias atuais, não foi retratado na exposição do Museu da Loucura. Fato este reforçado por haver uma sala voltada inteiramente para a imprensa e publicações sobre o Colônia, mas que não há registro algum sobre o livro, sendo que, em meados de 2015 o Museu teve seu fechamento para reforma, readequação da exposição e inserção de novos espaços, mas que, não incluiu a obra que retrata a visão dos moradores, funcionários da época e expõe documentos comprobatórios de diversas espécies do que ocorria naquele local.

O que pude constatar é que, tanto o livro quanto o documentário, ambos denominados "Holocausto Brasileiro", tiveram participações importantes de pessoas influentes e que gerenciavam todo aquele momento do Colônia, até chegar ao que conhecemos hoje como Museu, em uma de suas partes. Porém, essas mesmas pessoas que concordaram em participar, hoje, não concordam com o termo empregado, e nem mesmo concordam com pontos cruciais abordados nas obras.

Com meu trabalho de campo realizado na cidade de Barbacena, tive contato direto com funcionários da Fhemig, fundação que administra não só o Hospital mas também o Museu da Loucura. E em um dos momentos durante a visita guiada, fui informada que não poderia entrevistar ninguém ligado à Fhemig por eles terem uma conduta rígida de regras em relação a Trabalhos de Conclusão de Curso, Teses de Mestrado, Doutorado e demais pesquisas.

Além disso, também fui informada que para eu poder realizar alguma entrevista, eu teria que submeter meu trabalho à Fundação, para que os mesmos avaliassem a pertinência, viabilidade e assim, aceitar ou recusar a participação. Dentre o *checklist* é possível compreender todas as fases do possível trabalho, bem como seus objetivos. Mas a questão que fica é: Na época do livro e do documentário, a Fhemig não realizou esse tipo de consulta?

Visto que, atualmente discorda do nome "Holocausto", no entanto, o nome já não era previsto naquele momento, antes mesmo da execução? No documentário, o Presidente da Fhemig fez sua participação, além disso, em um de seus pavilhões, todos tiveram acesso, visto

que foram negados a mim, justamente por não ter esse documento em mãos. Um tanto quanto confuso.

Certamente, é nítido, a falta de investimento da gestão pública, especialmente a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo em relação ao Museu da Loucura, fragmento reforçado através do e-mail de recusa à entrevista enviado pela secretaria, e também, a falta de informações dos funcionários que trabalham cotidianamente no local.

Embora tenham sido alcançados o objetivo geral e todos os objetivos específicos, não foi possível realizar a entrevista com mais representantes sociais e com a gestão pública, pela dificuldade na comunicação e na falta de respostas através dos e-mails enviados. Talvez, esse fato tenha ocorrido também, por ser final de ano e o aumento de demandas nessa época.

Portanto, este estudo propiciou um maior conhecimento acerca do Museu da Loucura como espaço mórbido, turístico e de memória, identificando os principais pontos negativos e positivos em relação à gestão atual e de que forma a exposição resgata a memória e vida das milhares de pessoas que não tiveram a oportunidade de vivenciar o hoje. Sem dúvidas, posso afirmar ser um misto de dor, sofrimento, angústia e aflição por entender que aquilo aconteceu por tantas décadas sem ninguém se preocupar.

Mas, feliz por hoje saber que há um espaço destinado a essa memória e que os poucos sobreviventes, cerca de 70 pacientes de longa permanência e 30 pacientes nas casas terapêuticas, possuem condições mais dignas de sobrevivência, em meio aos traumas vivenciados no Colônia. Inclusive, esses pacientes conhecem e frequentam o Museu, infelizmente não conseguem compreender muito o que a exposição retrata, mas sabem que ali é a história deles, contada por outras pessoas.

Certamente essa produção servirá como base para estudos posteriores na área do Turismo e Turismo Cultural com ênfase no mórbido e locais de memória. É extremamente importante a complexidade que essa temática levanta, abordando quesitos cruciais na turistificação de locais de sofrimento e seu significado por trás de cada elemento exposto no local. Sendo assim, o turismo como área de estudos das ciências sociais, deve-se manter em constantes aprofundamentos e atualizações.

É importante ressaltar que essa monografia é fruto de uma iniciação científica, possibilitando assim, diferentes tipos de estudos sobre a temática e maiores conhecimentos acerca da área.

Seguramente, o turismo contribui para que essas experiências sejam vividas, refletidas e questionadas, além de entender os erros do passado e ressignificá-los. Finalizo mencionando um dos milhares de recados deixados no livro de visitantes do Museu da Loucura, que dizia: “Que deixemos de ser SERES, e nos tornemos HUMANOS!”.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. 1. ed. – São Paulo: Geração Editorial, 2013. ISBN 978-85-8130-156-3.

EIRAS, Silvia Luz; HEMAIS, Marcus Wilcox. **Percorrendo o Significado da Visitação a Locais Relacionados a Tragédias: Novos Caminhos para o Dark Tourism**. Rio de Janeiro, ano. 69 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FIGUEIRÊDO, M. L. DE R.; DELEVATI, D. M. TAVARES, M. G. **Entre loucos e manicômios: história da loucura e a reforma psiquiátrica no Brasil**. Caderno de graduação - ciências humanas e sociais - unit - alagoas, v. 2, n. 2, p. 121-136, 15 dez. 2014.

FONSECA, A.; SILVA, C.. **Motivações de procura do *darktourism* como uma forma alternativa de turismo**. Revista Turismo e Desenvolvimento, Aveiro, v. 5, n. 21/22, p.173-175, jul. 2014.

GODOY, A. B. **Arquivos de Barbacena, a Cidade dos Loucos: o manicômio como lugar de aprisionamento e apagamento de sujeitos e suas memórias**. Revista Investigações Vol. 27, nº 2, Julho/2014.

GONÇALVES, A. F. S. ***DarkTourism* - o lado sombrio do turismo: Aplicação à cidade do Porto**. 2017. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Gestão do Turismo, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Porto, 2017.

GOSLING, M.; MACHADO, D. F. C. (Org.). **A Imagem Do Destino Turístico Como Fator De Sustentabilidade: O Caso De Ouro Preto/ Mg**. In: KEINERT, T. M. M. Organizações Sustentáveis: Utopias e Inovações. São Paulo: Annablume, 2007. p. 203-2012.

GUILARDUCI, Cláudio. **A loucura em Barbacena: memória claudicante da tempestade**. In: BAPTISTA, Mauro Rocha (org). Arte, loucura e educação: diálogos. Barbacena, MG: EdUEMG, 2014.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIGUORI, F. P. **O turismo obscuro e patrimônio edificado**. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. Anais. Brasília: Unb, 2017. p. 1 - 11.

LÜCHMANN, L.H.H; RODRIGUES, J. *The anti-asylum movement in Brazil*. Ciênc. Saúde coletiva [online]. 2007, vol.12, n.2, pp.399-407. ISSN 16784561. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200016>.

MONTEIRO, J. D; SILVA, E. M. DE C; MONTEIRO, J, D. **Turismo Macabro: Conhecer para Entender; Entender para (Des)construir**. VII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (2010). São Paulo.

STONE, P. *A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions*. Tourism: An Interdisciplinary International Journal, Zagreb, v. 54, n. 2, p.145-160, jun. 2006.

Stone, P., Sharpley, R. (2008). *Consuming Dark Tourism: A Thanatological Perspective*. Annals of Tourism Research, 35 (2), 574-595.

SILVA, Odair Vieira da; KEMP, Sônia Regina Alves. **A Evolução Histórica do Turismo: da Antiguidade Clássica a Revolução Industrial - Século XVIII**. REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE TURISMO – ISSN: 1806-9169. Ano V – Número 9 – Junho de 2008 – Periódicos Semestral .

SITES CONSULTADOS

ABDALA, Vitor. **Conhecida como Cidade dos Loucos, Barbacena quer se reabilitar do passado.** Disponível em:

<https://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/noticias/2256907/conhecida-como-cidade-dos-loucos-barbacena-quer-se-reabilitar-do-passado>. Acesso em: 09 de out. 2021.

BARBACENA. In: **ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros.** Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v. 24, p. 136-140. Disponível em:

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_24.pdf. Acesso em: 09 de out. 2021.

FULLIN, Bruna Oliveira. **Do modelo manicomial à reforma psiquiátrica: percepções acerca das residências terapêuticas em Barbacena-MG.** Monografia. Universidade Federal de Viçosa, 2018. Disponível em:

<https://dcs.ufv.br/wp-content/uploads/2021/03/Do-Modelo-Manicomial-a-Reforma-Psiquiatrica-percepcoes-acerca-das-residencias-terapeuticas-em-Barbacena-MG.pdf>. Acesso em 09 de dez. 2021.

Governo do Estado de São Paulo - Secretaria de Estado de Saúde. **CAISM Philippe Pinel.** Disponível em:

<http://www.saude.sp.gov.br/caism-philippe-pinel/institucional/quem-foi-philippe-pinel>. Acesso em 21 de out. 2021.

Portal da Prefeitura Municipal de Barbacena. Disponível em: <http://barbacena.mg.gov.br/2/>. Acesso em 09 de out. 2021.

Portal de Notícias G1. **O Museu da Loucura completa 25 anos de fundação em Barbacena.** Disponível em:

<https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2021/08/18/museu-da-loucura-completa-25-anos-de-fundacao-em-barbacena.ghtml>. Acesso em 24 de nov. 2021.

PORFÍRIO, Francisco. **"Michel Foucault";** *Brasil Escola.* Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/michel-foucault.htm>. Acesso em 21 de out. 2021.

RATTON, Helvécio. (Diretor) Em nome da razão. [Documentário]. Barbacena, Grupo Novo de Cinema e Associação Mineira de Saúde Mental, outubro de 1979. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cvjyjwI4G9c&t=507s>. Acesso em fevereiro de 2021.

SILVA, Arnaldo. **Barbacena: a cidade das rosas**. Disponível em: <https://www.conhecaminas.com/2016/01/barbacena-cidade-das-rosas.html>. Acesso em: 09 de out. 2021.

VIEIRA, Ana. **Organização e saber psiquiátrico**. Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro, 21(4); 49-58, out./dez. 1981. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/5bNPpwFFvkP779wjFMTKPmm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 21 de out. 2021.

Youtube, Canal Psicologia Contemporânea. **Documentário dos loucos e das rosas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ai0jO9EpbM>. Acesso em 24 de nov. 2021.

APÊNDICES

Apêndice I - Roteiro de perguntas semi-estruturadas, aplicada aos representantes sociais ligados diretamente ou indiretamente ao Museu da Loucura.

Perguntas
1- De que forma foi realizada a inserção do antigo Hospital Colônia em Barbacena? Qual sua história?
2- Como surgiu a ideia de transformar o antigo Hospital Colônia em Museu? A partir disso, como se deu a construção do nome ao que conhecemos hoje como “Museu da Loucura”?
3- Você considera o Museu da Loucura um atrativo turístico mórbido? Considerando o conceito de Stone (2006, p.146) “o ato de viajar para locais associados à morte, ao sofrimento e ao aparentemente macabro”.
4- Em sua opinião, a cidade de Barbacena é reconhecida por “Cidade das Rosas” ou “Cidade dos Loucos”? O que te leva a acreditar nisso?
5- Como foi o processo de ressignificação do trágico acontecimento no Hospital Colônia de Barbacena?
6- Em sua opinião, o turismo mórbido em Barbacena tende a ser mórbido/cultural ou isso é apenas uma consequência em ter o Museu da Loucura na cidade?
7- Pontue quais foram as mudanças significativas no turismo, após a inserção do Museu na cidade de Barbacena? Esse processo fez parte do pertencimento dos barbacenenses ao local de memória, antes evitado por muitos?
8- Visando retratar o local de memória, pontue quais aspectos são positivos e quais aspectos são negativos no Museu da Loucura, de acordo com sua opinião.
9- Quais ações a gestão pública realiza para conscientizar os turistas sobre os acontecimentos que são retratados no Museu da Loucura?
10- Quais foram as mudanças significativas no turismo, após a abertura do Museu da Loucura?
11- Como você identifica a conexão passado, presente e futuro na proposta de visitação do Museu da Loucura?
12- Defina em uma palavra e/ou frase o que o Museu da Loucura representa para você.

Apêndice II - Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, enviado a todos os entrevistados.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar da pesquisa cujo objetivo é “Compreender como a memória do antigo Hospital Colônia de Barbacena pode ser valorizada pelo turismo, através do Museu da Loucura”.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, assegurando o sigilo sobre sua participação que consistirá em responder este questionário, considerando que sua colaboração para o desenvolvimento desta pesquisa é totalmente voluntária. Nos resultados apresentados, você terá seu anonimato garantido, não tendo nome e demais informações divulgadas em nenhum documento. Os dados coletados serão arquivados por um período de cinco anos e após serão descartados para que o sigilo do material seja mantido.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, RG. _____ e-mail _____
confirmando que li os esclarecimentos sobre a pesquisa a ser realizada e compreendi o objetivo desta e dos procedimentos aos quais minhas respostas serão submetidas.

Sei que meu nome e outras informações NÃO serão divulgados (por qualquer forma e meios de comunicação/informação). Libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos sem qualquer ônus financeiro a nenhuma das partes. A pesquisadora Bruna Louize Soares de Sousa certificou-me de que todos os dados desta pesquisa e em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora no telefone (11) 9 6707-1385.

Ouro Preto, __ de dezembro de 2021.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

ANEXOS

Anexo I: *Checklist, necessário* para submissão de projeto para a Fhemig.



Alameda Álvaro Celso, 100 – Santa Efigênia, Belo Horizonte, MG – CEP 30150-260.
 Contato: (31) 3239-9552 ou 3228-5084 – cep@fhemig.mg.gov.br ou hem.cep@fhemig.mg.gov.br

CHECK-LIST PARA VERIFICAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA PELO NEP

Todo projeto de pesquisa originado ou a ser executado na Rede FHEMIG deverá ser submetido à avaliação do Núcleo de Ensino e Pesquisa - NEP, conforme as diretrizes abaixo, antes de ser enviado à ADC e ao CEP/FHEMIG ou HEM.

Unidade hospitalar: _____ Data de recebimento pelo NEP: ___/___/___

1. Identificação do projeto de pesquisa

Preenchimento pelo pesquisador	Título do projeto de pesquisa (completo, sem abreviaturas)	
	Nome do Pesquisador responsável (completo, sem abreviaturas)	
	Servidor da FHEMIG? () Não () Sim. MASP:	
	Telefones:	Email:
	Há financiamento da pesquisa? () Não () Sim. Qual a agência patrocinadora?	
	Caso o projeto venha a ser futuramente contemplado com financiamento, é obrigatória a comunicação à ADC pelo email jan@fhemig.mg.gov.br .	
	Início da coleta de dados previsto para ___/___/___	Término da coleta de dados previsto para ___/___/___
	Tipo de projeto: () Monografia ou TCC () Mestrado () Doutorado () Outro E / OU () Relato de caso	
	Grupo de Pesquisa credenciado pela FHEMIG () Não () Sim. Qual?	
	Declaro que citarei a FHEMIG quando da publicação/divulgação dos resultados desse projeto na Metodologia e ou na filiação do autor. Comprometo-me a enviar os resultados deste projeto para o CEP.	
Assinatura do Pesquisador responsável e data: _____ / ___ / ___		
Aprovação do Líder do Grupo de Pesquisa da FHEMIG se for o caso		
Assinatura, carimbo e data: _____ / ___ / ___		

2. a) Se a FHEMIG é a Instituição Proponente, observar na Folha de Rosto que será encaminhada:

() Todos os campos estão corretamente preenchidos	() Assinatura do Pesquisador responsável
() A FHEMIG foi adequadamente registrada, conforme a orientação abaixo	() Não se aplica
13. Nome: Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais - FHEMIG	14. CNPJ: 19.843.929/0001-00
16. Telefone: 31-3239-9552	
<i>O Termo de Compromisso (da responsável pela Instituição) será assinado pelo representante designado pela Presidência da Fhemig e não pelo(a) Diretor(a) da Unidade da Rede FHEMIG, somente após avaliação e aprovação técnica do trabalho.</i>	

2. b) Se a FHEMIG for a Instituição Coparticipante, devem ser encaminhados:

() Cópia da Folha de Rosto enviada ao CEP da Instituição Proponente	() Não se aplica
() Cópia do Parecer de aprovação do CEP da Instituição Proponente	
() Declaração da Instituição Coparticipante preenchida, para assinatura pelo titular da Diretoria de Gestão de Pessoas	

3. Protocolo da pesquisa em uma via impressa e uma em CD-ROM, contendo obrigatoriamente o seguinte:

() Lista dos pesquisadores com os links dos Currículos <i>Lattes</i> (não precisa imprimir os currículos; atualização recente de até 6 meses).	
() Capa com título do projeto, nome dos autores e ano; nome do orientador, curso e instituição ou escola, se for o caso.	
() Introdução e Justificativa	() Orçamento
() Objetivos	() Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE OU
() Material e Métodos	() ou Justificativa para ausência do TCLE e compromisso de sigilo
() Cronograma	() Questionários/escalas/instrumentos, etc., quando for o caso
O relato de caso pode ter uma apresentação diferenciada (projeto de pesquisa ou pôster)	
() Relato de caso (manuscrito ou pôster)	() Carta para submissão de relatos de caso - FHEMIG

Aprovação do Coordenador do NEP

Assinatura, carimbo e data: _____, ___/___/___
 Projeto de Pesquisa com *Check-list* com campos em branco serão devolvidos ao NEP. Se tiver dúvidas quanto ao preenchimento contate o CEP.

Aprovação do Diretor da Unidade da Rede FHEMIG

Assinatura, carimbo e data: _____, ___/___/___

PROTOCOLO de recebimento do projeto de pesquisa pelo NEP da Unidade hospitalar

Título do projeto de pesquisa	
Nome do Pesquisador Responsável	
Data de recebimento pelo NEP: ___/___/___	Rubrica e carimbo do NEP

Instruções de preenchimento do formulário *Check-list*

Atividades do Núcleo de Ensino e Pesquisa - NEP

a) Identificar a Unidade e datar o recebimento do projeto; b) Avisar ao pesquisador que a viabilidade científica e estratégica e o potencial para patentes do projeto serão analisados pelo representante da Fhemig e que, após a sua aprovação, o projeto de pesquisa será encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/FHEMIG ou HEM que analisará os aspectos éticos; e quando o projeto for aprovado, o pesquisador deverá procurar o NEP para dar início às atividades; c) Preencher e entregar o Protocolo de recebimento do projeto ao pesquisador; d) Preencher os itens 2 e 3, assinar e datar a aprovação pelo NEP; e) Colher a assinatura do diretor da Unidade; e f) Encaminhar a documentação para a ADC. Recomenda-se um controle do tempo de tramitação interna no NEP. O correto preenchimento do *Check-list* é muito importante, pois todos os dados são inseridos em banco de dados e se prestam para estatísticas da FHEMIG.

Item 1. Identificação do projeto de pesquisa – preenchimento pelo pesquisador

O pesquisador responsável deverá entregar o formulário ao NEP com esse bloco de perguntas preenchido e assinado. Período previsto para a *coleta de dados*: conforme registrado na Plataforma Brasil. Quando o projeto de pesquisa não estiver vinculado a Grupo de Pesquisa credenciado pela FHEMIG, não é necessário obter a assinatura do *Líder de Grupo de Pesquisa*. **Atenção:** Caso o projeto venha a ser futuramente contemplado com financiamento, é obrigatória a comunicação à ADC pelo email nap@fhemig.mg.gov.br.

Item 2. Folha de Rosto – verificação e preenchimento pelo NEP

a) **FHEMIG como Proponente:** a Folha de Rosto será emitida durante a inserção do projeto na Plataforma Brasil. O Pesquisador deverá imprimir e assinar no campo correspondente. Levar os documentos ao NEP, conforme este *Check-list*.

Após o projeto de pesquisa ser avaliado e aprovado na ADC, o pesquisador deverá escanear a Folha de Rosto assinada pela FHEMIG, o *Check-list*, a Carta para submissão de relatos de caso (se for o caso) e o parecer de aprovação da ADC para fazer *Upload* na Plataforma Brasil (página 5) juntamente com uma cópia do projeto completo e do TCLE. Em seguida, o pesquisador deve finalizar o envio do projeto ao CEP / FHEMIG ou HEM na Plataforma Brasil (página 6).

b) **FHEMIG como Coparticipante:** a Folha de Rosto será emitida durante a inserção do projeto na Plataforma Brasil. A FHEMIG deverá ser identificada à página 2 da Plataforma Brasil, mas não aparecerá na Folha de Rosto. O Pesquisador deverá assinar no campo correspondente, obter a assinatura do responsável pela Instituição Proponente e enviar ao seu CEP. Se o seu CEP aprovar o projeto, ele será enviado ao CEP / FHEMIG ou HEM automaticamente pela Plataforma Brasil. Ao mesmo tempo, o pesquisador deve enviar por meio do NEP para a ADC: uma cópia da Folha de Rosto e do parecer de aprovação do CEP da Instituição Proponente, *Check-list*, lista dos pesquisadores com os links do currículo *Lattes*, TCLE ou justificativa para sua ausência, projeto completo com anexos e a Carta para submissão de relatos de caso (se for o caso).

Instituição Proponente: instituição com a qual o pesquisador principal tem vínculo e em nome da qual apresenta a pesquisa; ela é corresponsável pela pesquisa e pelas ações do pesquisador.

Instituição Coparticipante: aquela na qual haverá o desenvolvimento de alguma etapa da pesquisa.

Pesquisador responsável: é a pessoa, com formação acadêmica de nível superior, responsável pela coordenação e realização da pesquisa e pela integridade e bem-estar dos sujeitos da pesquisa.

Dúvidas: falar com o CEP: 3239-9552 (ADC) ou 3328-5084 (HEM).

Item 3. Protocolo de pesquisa – verificação e preenchimento pelo NEP

Recolher uma cópia impressa e uma em CD-ROM de todos os documentos do protocolo de pesquisa. Verificar se o projeto de pesquisa inclui as seguintes seções *separadas e intituladas*: Introdução, Justificativa, Objetivos, Material e Métodos, Cronograma, Orçamento, Bibliografia e os apêndices/anexos: TCLE (ou justificativa para sua ausência), Instrumentos de coleta de dados (se houver) e Lista dos pesquisadores com o link do Currículo *Lattes* de cada um deles. Um relato de caso pode ter um formato diferenciado (manuscrito ou pôster). O projeto impresso deverá ser o mesmo projeto copiado no CD-ROM e que posteriormente será inserido (*upload*) na Plataforma Brasil / CONEP à página 5.

Mesmo que o projeto seja financiado pelo próprio pesquisador, sem ônus para a FHEMIG, o orçamento deve esclarecer os custos e as fontes de financiamento.

Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE: Deve ser elaborado de acordo com as orientações da Resolução 466/12. Caso não seja possível obter o consentimento do paciente quando a busca de dados se der pelos registros hospitalares e prontuários, em uma seção específica do projeto deve constar uma justificativa para a ausência do TCLE ressaltando, no entanto, o compromisso de garantia de sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

Questionários/escalas/instrumentos, quando for o caso: Muitas pesquisas na área de saúde se valem de instrumentos de avaliação ou diagnóstico, normalmente especificados na seção Materiais e Métodos. Cada um desses instrumentos deve ser anexados ao projeto e adequadamente referenciados no texto.

O Currículo *Lattes* é a ferramenta que o Conselho Nacional de Pesquisa utiliza para manter o cadastro e o acompanhamento dos pesquisadores brasileiros. A data de atualização do currículo não deve ultrapassar seis meses. O preenchimento é feito através do site <http://lattes.cnpq.br/>. Não é necessário enviar cópias impressas do Currículo *Lattes*. É suficiente a lista de pesquisadores com os respectivos links.